

NARRA TIVAS DARUA

CONSTRUÇÕES HIPERTEXTUAIS
E SENSORIAIS NO CENTRO DE
FLORIANÓPOLIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro Tecnológico
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

NARRATIVAS DA RUA

CONSTRUÇÕES HIPERTEXTUAIS E SENSORIAIS
NO CENTRO DE FLORIANÓPOLIS

Trabalho de Conclusão de Curso

—
Camila Barbosa de Amorim

—
Orientadora: Prof. Dra. Themis da Cruz Fagundes

FLORIANÓPOLIS
2017

AGRADECIMENTOS

Este trabalho existe graças a pessoas especiais que passaram na minha vida, que compartilharam comigo momentos que ficaram guardados em minha memória e que me ensinaram diversas formas de ver o mundo ao meu redor. Muitas delas eu conheci pelas cidades que visitei durante a minha vida, cidades estas que me ensinaram muito através de seus moradores, de sua história, de suas esquinas, de seus cheiros e sabores, de suas cores e sons.

Agradeço a minha família, com quem vivi e morei junto em São Paulo, Fortaleza e Florianópolis, cidades com belezas diferentes e que habitam em mim. Aos meus pais por terem me mostrado desde criança formas leves de ver a vida e me ensinado muito do que sei e sinto. Aos meus irmãos, Mariana, Natália e Lucas, por estarem sempre ao meu lado, me apoiando, crescendo comigo e me fazendo feliz. Ao meu gato, Coentro, por ser pazeiro presente durante o processo de TCC;

a minha grande família espalhada pelo Brasil, avós, tios e primos, que sempre me recebem de braços abertos e que são parte de mim. Aos meus amigos que mesmo distantes estão presentes em diversas formas da minha vida;

aos meus amigos da faculdade, alguns já formados, e que me acompanharam durante a minha trajetória acadêmica, me ensinando formas diferentes de ver a arquitetura. À Fê e ao Dudu, indecisos em sintonia, que são parte de mim desde que entrei da faculdade e que contribuíram muito para este trabalho e para quem eu sou. Às “neides”, Duda, Carol e Villas, seres que me inspiram e trazem poesia para o meu cotidiano;

a minha orientadora, Thêmis, que acompanhou todo o meu processo me incentivando e me permitindo ser eu mesma, me ajudando a compreender melhor o que sinto e o que percebo ao meu redor. Obrigada pelas longas conversas que tanto me fizeram refletir e me redescobrir;

às pessoas que conheci pelas minhas andanças pelo mundo, sobretudo durante meu intercâmbio: Lessa, Gabi, Sophia, Aline, Pedro, Liina, Gavril e muitos outros que junto comigo descobriram lugares incríveis e me mostraram um pouco de suas culturas.

“(...) We keep constructing an immense city of evocation and remembrance, and all the city we have visited are precincts in this metropolis of the mind.” PALLASMAA, 2005, pg 67.

SUMÁRIO

1. JUSTIFICATIVA.....	06
2. O TERRITÓRIO.....	09
HISTÓRICO DE FLORIANÓPOLIS E DAS RUAS ESTEVES JÚNIOR E ÁLVARO DE CARVALHO.....	14
A ESCALA DA RUA E A SUA ARQUITETURA.....	29
MAPAS.....	35
3. ENSAIOS.....	43
UM PASSEIO PELA RUA DO PASSEIO.....	45
UM ENSAIO ANACRÔNICO.....	50
TEMPORALIDADES DA RUA.....	55
FASES DA RUA.....	61
MATERIALIDADES DA RUA.....	65
4. CAMINHANDO PELA RUA - 9 CAPÍTULOS.....	69
RESPIRO VERDE.....	72
MEMÓRIA COLORIDA.....	74
MANADA JOVEM.....	76
SOMBRA CALMA.....	78
CAOS MOTORIZADO.....	80
MUVUCA FAMINTA.....	82
MISCELÂNEA TRANSITÓRIA.....	84
CRUZAMENTO PORTAL.....	86
FERVO SENSORIAL.....	88
5. PROPOSTA.....	91
HIPER-RUA.....	93
TÓTENS.....	101
EXPOSIÇÃO.....	103
6. REFLEXÕES FINAIS.....	110
7. BIBLIOGRAFIA.....	112

JUSTIFICATIVA

Vivencio as ruas do centro de Florianópolis quase que diariamente e a minha apreensão desse espaço me proporcionou leituras já consolidadas, que tornam o bairro bastante legível na minha mente. Dentre as ruas pelas quais estou sempre perambulando, a rua Esteves Júnior é uma das mais presentes em momentos da minha vida. De tanto ali passar, consegui através de sensações, sons, pessoas, ter uma compreensão desta rua que sinto abranger diferentes esferas da percepção. Minha leitura dela se dá em uma sequência de capítulos: a cada tantos passos, uma nova atmosfera e uma história diferente. Desde a Praça Esteves Júnior até o seu final, onde começa a rua Álvaro de Carvalho, o percurso é totalmente heterogêneo, com dinâmicas variadas e pessoas das mais diversas faixas etárias e perfis. Do começo da rua Álvaro de Carvalho é possível ver ao fundo, na linha do horizonte, o morro do Cambirela, espremido no enquadramento formado pelas fachadas dos prédios. Ele vai desaparecendo conforme descemos a rua, e vamos imergindo no movimentado centro da cidade, cheio de estímulos sensoriais e intenso fluxo de pessoas.

O percurso descrito fez parte da minha vida durante um certo tempo, e é um território significativo e de importância na minha bagagem de vivências da paisagem urbana de Florianópolis. Vejo nele um forte sentido de lugar e uma noção de urbanidade bem evidente, além de uma identidade que se percebe nos dias de hoje, e que é resultado da memória e do valor histórico de ambas as ruas. A afetividade com esse recorte do centro da cidade é um estímulo para eu aprofundar a minha interpretação e entendimento sobre ele e explorar possibilidades de intervenções que resgatem a sua memória, revelem características que muitas vezes passam despercebidas e valorizem o seu caráter de espaço público de convívio. Interessa-me o que acontece nas calçadas e como o corpo em movimento interage com o que há nela e suas adjacências imediatas.

O estudo das Ruas Esteves Júnior e Álvaro de Carvalho feito durante o período do TCC1 me revelou pistas para continuar o trabalho no semestre seguinte. Além da análise tradicional das ruas, com estudos relacionados à história, mapas temáticos e arquiteturas locais, fiz quatro ensaios com abordagens diferentes sobre as ruas. Essas abordagens me levaram a uma compreensão sensorial do espaço e resultaram em representações diferenciadas das ruas. No desenvolvimento do trabalho, passo a me referir às ruas como uma

só, devido ao seu caráter de unidade como eixo no centro da cidade e no meu cotidiano. Junto com a bibliografia lida ao longo do processo de TCC, essas abordagens resultaram na proposta da “hiper-rua” e da exposição, explicadas mais à frente.



Rua Esteves Júnior, olhando para a praça.



Rua Álvaro de Carvalho e o morro do Cambirela ao fundo.

TERRITÓRIO

As ruas Esteves Júnior e Álvaro de Carvalho se encontram no centro de Florianópolis e possibilitam a conexão entre a baía sul, onde fica o centro comercial e histórico da cidade, e a Avenida Beira Mar Norte, eixo que permite a conexão do centro com o norte da ilha.

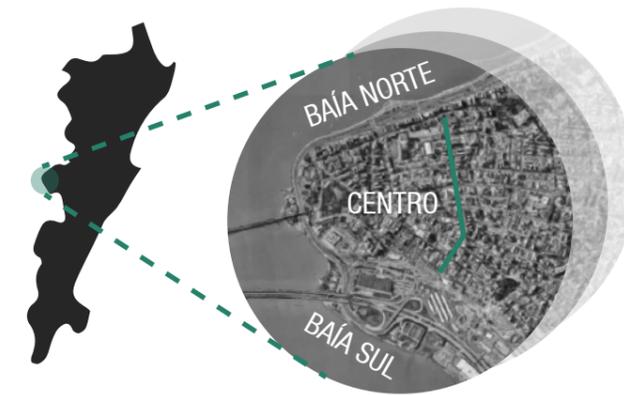
Brasil



Santa Catarina



Florianópolis



- ① Av. Beira Mar Norte
- ② Praça Esteves Júnior
- ③ Av. Rio Branco
- ④ R. Tenente Silveira
- ⑤ R. Felipe Schmidt
- ⑥ R. Conselheiro Mafra
- ⑦ Av. Paulo Fontes
- Ⓐ Colégio Catarinense
- Ⓑ Supermercado Angeloni
- Ⓒ Terminal Central de Ônibus

A rua Esteves Júnior era chamada nos seus primórdios de Rua do Passeio; em 1865 passou a ser “Formosa” e em 1874, Rua do Senador Mafra. Após a República, recebeu o nome de um de seus moradores, o político Esteves Júnior. Ele era comerciante, mas mais tarde ingressou na política, sendo Senador de Santa Catarina. Foi membro do Partido Liberal tornando-se um dos signatários do “Manifesto Republicano” de 1870. Na rua Esteves Júnior existiam chácaras de diferentes famílias abastadas, como a Vila Pamplona, a chácara da família Moellmann e de Miguel Orifino. Hoje, é uma rua com poucas das casas antigas conservadas, bem heterogênea, que proporciona diversas dinâmicas ao longo dela. Ao longo do trabalho, vou chama-la tanto como rua Esteves Júnior, quanto como rua do Passeio.

A rua Álvaro de Carvalho era conhecida por “Morro da Carioca”, pois ali existiu a Padaria Carioca, cujo proprietário era Domingos da Silva. Ela se chamava rua da Palma, e depois passou a se chamar Álvaro de Carvalho em homenagem ao militar Álvaro Augusto de Carvalho, que também foi o primeiro dramaturgo local, mudando também o nome do Teatro Santa Isabel para Teatro Álvaro de Carvalho. A rua fica próxima ao mercado público e sempre teve forte relação com o porto e com o movimento comercial da cidade. Ela corta as duas principais vias comerciais do centro de hoje: a rua Conselheiro Mafra e a rua Felipe Schmidt. Ela se conecta à rua Esteves Júnior na altura em que encontra a rua Vidal Ramos e foi, junto com a rua Esteves Júnior, importante conexão entre o centro e a Praia de Fora, atual Beira Mar Norte. Hoje ela concentra edifícios comerciais e na maior parte do tempo está repleta de gente.

Onde hoje existe a praça Esteves Júnior era o Forte São Francisco, importante ponto militar durante as primeiras ocupações da Ilha da Nossa Senhora do Desterro, como era chamada Florianópolis. Depois da destruição do Forte, essa área ficou conhecida como Largo das Necessidades, abandonado e pouco valorizado. No final do século XIX, uma mobilização de moradores locais fez ser montada uma comissão para uma obra de revitalização local, custeada pelos próprios moradores. Fazia parte dessa comissão os Srs. Roberto e Edmundo Trompowsky, Trajano Ferreira e o agrimensor José Pujol. No dia 10 de agosto de 1890, foi inaugurada a praça, “com gradis de ferro e ao centro um grande canteiro de flores, mais tarde substituído por uma fonte e depois por uma estátua de Esteves Júnior” (POYARES, 2005). Foi nomeada de Largo Lauro Müller e mais tarde passou a ser chamada de Praça Esteves Júnior.



Começo da Rua Esteves Júnior



Alunos depois da aula próximo às escolas no começo da Esteves Júnior.



Cruzamento da Rua Esteves Júnior com a Av. Rio Branco.



Rua Esteves Júnior com Dom Jaime Câmara.



Rua Esteves Júnior próximo à Padeiro de Sevilha



Cruzamento da Rua Álvaro de Carvalho com a Tenente Silveira.



Final da Rua Álvaro de Carvalho.



Rua Álvaro de Carvalho terminando na Francisco Tolentino.



HISTÓRICO DE FLORIANÓPOLIS E DAS RUAS ESTEVES JÚNIOR E ÁLVARO DE CARVALHO



“O segundo largo é o denominado Lauro Müller, no Porto da Praia de Fora, bem na batente do mar, em frente à rua Esteves Júnior, chamada outr’ora Formosa. Posto que pequeno, é esse sítio um dos mais pitorescos da cidade, não só pelo bairro onde se acha, como pelo seu elegante jardim, de estreitas ruas areadas e minúsculos canteiros verdejantes. Cercado de um gradil em retângulo, como o do largo Quinze de Novembro, torna-se como este, aos domingos e feriados um bello ponto de distracção.” – Virgílio Varzea 1900

*“Quem passa por ahí sente, desde o morro do Wenceslaó até ao canto da rua Álvaro de Carvalho (antiga da Palma) um cheiro hygienico e sadio a peixe, a verniz coltar, a alcatrão, a estopa, a mialhar, a ferro patent, a lona nova e a cabo de cairo ou linho, tudo isso lembrava navio e mar, e que nos apega as narinas, acompanhando-nos ainda, em terra, por dias e dias”.
– Virgílio Varzea 1900*



A fundação efetiva da póvoa de Nossa Senhora do Desterro se deu no ano de 1673 pelo bandeirante Francisco Dias Velho, e sua elevação à condição de Vila em 1726, como forma de organização política, com a instalação oficial da Câmara. Dias Velho deu início à construção da capela de Nossa Senhora do Desterro em 1678, sendo local do que pode ser chamado o berço da cidade de Florianópolis. Com a partida da família e herdeiros de Dias Velho para São Paulo e Laguna, as terras ficaram abandonadas e estagnadas ao desenvolvimento durante anos, fato que só se reverteu com a elevação à Vila em 1726, erguendo-se os dois símbolos da organização portuguesa: o pelourinho e a Câmara Municipal. A criação da Capitania de Santa Catarina e a sua ocupação e fundação da vila estão ligadas à importância da sua localização estratégica, a meio caminho entre o Rio de Janeiro e a Colônia do Santíssimo Sacramento, no Prata, sendo ponto de abastecimento e conveniente canal para o acesso ao interior do continente. O decorrer do crescimento dos núcleos coloniais se deu em função dessa importância estratégica, com fortificações em vários pontos ao longo de todo o território insular, onde se desenvolviam núcleos de ocupação. O começo do desenvolvimento da vila não se deu por motivos econômicos, como em muitos outros pontos do território brasileiro, mas justamente por ser parada de apoio para a exploração do interior do continente, na busca de conquistas de novos territórios pelos portugueses (SILVA, 1999).

Em 1738, o brigadeiro José da Silva Paes toma frente da Capitania e organiza seu sistema de defesa, construindo inúmeras fortalezas, dentre elas, anos mais tarde, a de São Francisco Xavier, onde se encontra o Largo Lauro Müller, hoje Praça Esteves Júnior. A partir dessas medidas, o crescimento populacional da Vila aumentou, e a vinda de pessoas para ocuparem cargos públicos, que começaram a surgir, contribuiu para esse crescimento.

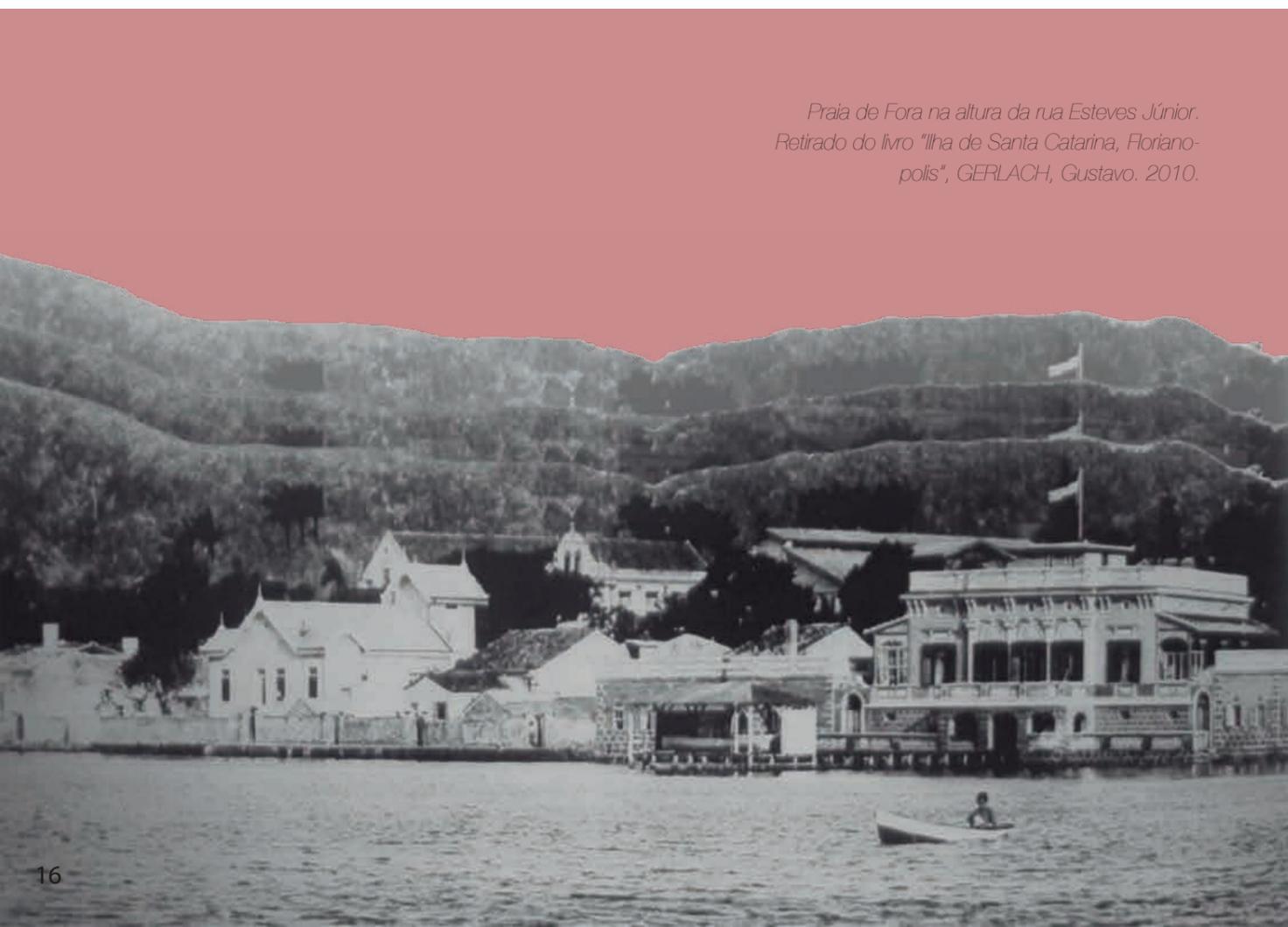
Entre 1748 e 1756, ocorreu uma grande corrente migratória de açorianos para a Ilha de Santa Catarina. Os imigrantes fundaram freguesias espalhadas pela ilha, onde desenvolveram ocupações típicas, que marcam a paisagem e costumes da ilha até hoje. Houve um desenvolvimento agrícola e manufatureiro nessa época. Algumas tinham certa autonomia, pois se conectavam com o continente independente do Distrito Sede, mas era no Distrito Sede que ficava centralizada a rede de comunicação marítima pelo canal do estreito, por meio de balsas e ferry boats. Entre os séculos XVIII e XIX, apareceu uma rede de comunicação marítima e terrestre entre as freguesias, complementando aquela que surgiu com o surgimento dos fortes e quartéis.

O início da ocupação da vila foi norteador pelas posições das fontes d'água e pelas atividades de pesca e agricultura de subsistência e foi uma ocupação tipicamente linear, reforçando a linha de praia e sempre próxima e dependente do mar.

"As antigas vilas do interior da ilha e o centro histórico de Florianópolis expressam uma herança que é a sua relação com o mar, enquanto gerador e cenário de um elenco de atividades." (SILVA, 1999, pg. 20)

Durante muito tempo, o mar foi o protagonista da história da cidade. Mesmo ela tendo crescido com suas fachadas principais de costas para ele, como na Praia de Fora, o mar foi base da economia, de transporte e da história de Florianópolis. Os aterros e a valorização do sistema rodoviário vieram a desconectar a cidade do mar e de suas tradições enquanto cidade litorânea com forte cultura açoriana.

*Praia de Fora na altura da rua Esteves Júnior.
Retirado do livro "Ilha de Santa Catarina, Florianópolis", GERLACH, Gustavo. 2010.*

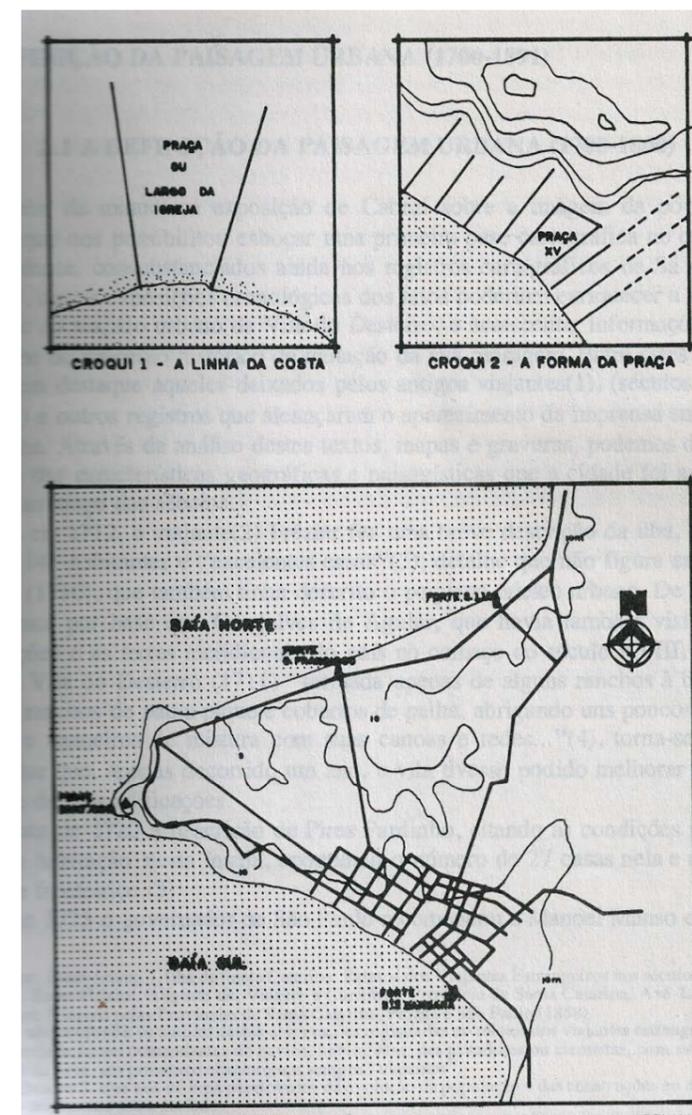


"Florianópolis é tipicamente uma cidade de enseada, figurando o porto como seu elemento de formação. O interesse comercial, representado pelas transações com os navios que ancoravam na baía, fez da linha da praia o elemento que concentrou a população."

(PELUSO, 1944).

A distribuição açoriana pelo território se iniciou o Largo da Matriz, onde ali próximo ficava o porto, crescendo em um primeiro momento para leste e, posteriormente, para oeste. O relevo também foi fator definidor do crescimento da vila, tendo, no começo, uma procura por áreas livres e menos acidentadas. Um curso d'água que passava onde hoje é a praça Getúlio Vargas, indo em direção à Praia de Fora (atual Beira Mar Norte) e passando próximo à rua do Passeio (atual rua Esteves Júnior), criava um extenso pântano, que, junto com o fato de ali existirem muitas elevações acentuadas, dificultaram a expansão da vila em direção à baía Norte. O crescimento da cidade no sentido da Praia de Fora só começaria na segunda metade do século XVIII, instigado pela necessidade de comunicar a parte norte da ilha, onde existiam os fortes e alguns casarios, com o centro administrativo e comercial. Essa expansão em direção à Praia de Fora ocorreu entre os pequenos vales, no eixo da rua do Passeio, e contornando as baías, passando pelos fortes de Sant'Ana, São Francisco Xavier e São Luiz. A cidade não se expandiu com facilidade em direção às pequenas propriedades rurais que circundavam o centro, pois elas pertenciam a pessoas abastadas que as utilizavam como áreas de recreação e a agricultores que delas viviam e que não queriam trocar o meio de vida agrícola pelo citadino.

"Verificamos que o adensamento maior se restringia ao entorno dos marcos fundacionais da cidade: a Casa do Governador, o pelouro, depois a Casa de Câmara. A aglomeração ocupou a parte do terreno mais plana, rasa e protegida dos ventos, e vinculou-se aos principais córregos e fontes d'água. Quanto aos eixos de expansão lançados para fora desse pequeno núcleo dirigiam-se aos edifícios militares que seriam construídos na mesma época: os fortes de Sant'Anna, São Luiz e São Francisco Xavier (1761-1765)" (PACHECO, 2010, pg. 71)



Croquis que demonstram o formato da praça em função da orla, dos relevos e dos fortes - retirado do livro "Florianópolis - memória urbana", Eliane Veras da Veiga.



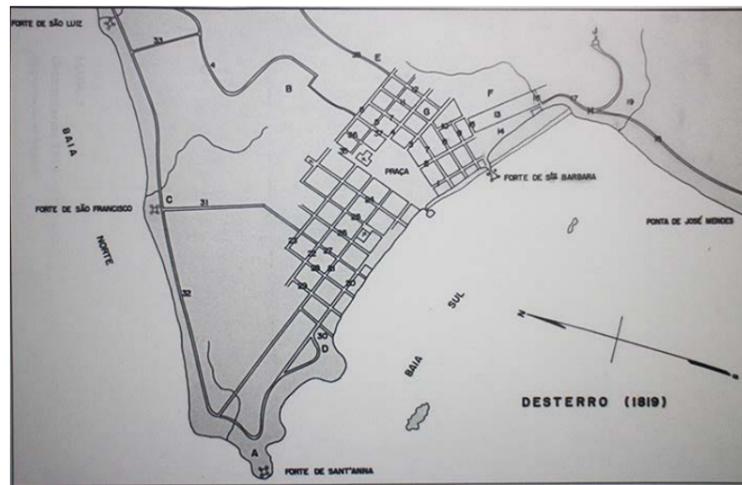
Planta de 1764 levantada pelo Coronel de Infantaria da Guarnição do Rio de Janeiro, José Custódio de Sá e Faria, e desenhada pelo Capitão do Regimento de Artilharia da mesma Guarnição, Manoel Vieira Leão, com limites da vila. - retirado do livro "História da minha rua - Memória da Rua Esteves Júnior", Sara Regina Poyares dos Reis

No mapa acima, de 1764, e no da próxima página, de 1777 já se notava um arruamento quase sem ocupação que liga a praça central e a igreja com o Forte de São Francisco, construído em 1763 na Praia de Fora. É o que é a rua Vidal Ramos hoje, que se liga à rua Esteves Júnior, rua do Passeio na época. Pela planta podemos ver também o caminho que sai da área urbana da vila na época e que levava até o Forte São Luiz, onde hoje se encontra a Praça Lauro Müller, no final da Avenida Mauro Ramos. Mais ao sul, contornando a orla, um caminho conectava o centro urbano com o forte do Sant'Anna, uma pequena fortificação construída em 1763, onde hoje tem instalado o Museu das Armas da Polícia Militar, embaixo da ponte Hercílio Luz, construída no começo do séc. XX. Depois do centro e da praça, as ruas que conectam o centro com esses três fortes, incluindo a Esteves Júnior, são as mais antigas da cidade. Por muito tempo a única ligação terrestre entre o centro urbano e a Praia de Fora foi pela rua da Palma (atual Álvaro de Carvalho) continuando pela rua do Passeio (atual Esteves Júnior).



Plano espanhol datado de 14 de dezembro de 1777, com a configuração urbana do centro da Vila de Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis) e a indicação das fortificações (fortes, baterias e estacadas) existentes na Praia de Fora (atual Beira-Mar Norte) e em frente à vila, além da localização do Forte de Santana, Forte de Santa Bárbara e Forte da Ponta do Estreito (na ponta continental do Estreito) - retirado do site fortalezas.org

Acima:
 Mapa elaborado por Oswaldo Cabral da cidade de Desterro em 1819 – retirado do livro “Florianópolis - memória urbana”, Eliane Veras da Veiga.



No mapa de 1819, podemos ver a rua Palma (atual Álvaro de Carvalho) convergindo para a rua 28 de Setembro (atual Vidal Ramos) e se transformando na Rua do Passeio (atual rua Esteves Júnior).

Abaixo:
 “Cidade do Desterro em 1868”.
 Cartão detalhe da Cidade do Desterro. Mapoteca do Itamarati, RJ - extraído do livro “Florianópolis - memória urbana”, Eliane Veras da Veiga.



Na página ao lado:
 “Planta Topographica da Cidade de Desterro”. Engº Pereira do Lago e Schlappal, 1876, Mapoteca do IPUF – retirado do livro “Florianópolis - memória urbana”, Eliane Veras da Veiga.

No mapa de 1868, podemos ver que a rua Esteves Júnior possuía duas transversais: o início da rua São Francisco, à oeste, e a rua Presidente Coutinho, à leste.



Em 1877, um levantamento preciso da área urbana de Florianópolis foi feito pelos engenheiros Lago e Schlappal, que abrangia os dois distritos que faziam parte da Capital da Província: a freguesia de Nossa Senhora do Desterro e a freguesia de São Sebastião da Praia de Fora. Peluso Júnior (1944 apud PACHECO, 2010) observa, a partir desse mapa, que o plano urbano se expandia com maior facilidade devido às divisões de chácaras, multiplicando o número de proprietários, tanto por razões de partilha hereditária, quanto pelo lucro que uma divisão de propriedade dava ao proprietário da terra. Ainda assim, podemos perceber pelo mapa que existem grandes vazios dentro do polígono central, que coincidem com os relevos, cujos obstáculos estancavam as ocupações e a expansão das ruas ortogonais. No final do século XIX e início do século XX, o aumento da população urbana e o aparecimento de novas técnicas construtivas contribuíram para o tratamento e urbanização desses espaços (PACHECO, 2010).

A Praia de Fora foi, durante o começo do século XX, o maior bairro existente no perímetro urbano da cidade. Várzea (apud PACHECO, 2010) publicou em 1900 crônicas que exaltavam a beleza da Praia de Fora e a colocavam como o bairro chic e aristocrático, tanto pelos seus habitantes, quanto pelas construções de luxo, “[...] revelando-se o bairro na Capital provinciana, como um todo à parte, mais culto, mais artístico, mais civilizado”. Cabral (1972) se refere a essa região como o bairro mais abastado, onde as “melhores residências” tinham, em sua grande parte, água própria, e, por ficar longe do centro, era “abrigo de qualquer promiscuidade”. As casas eram, em sua maioria, voltadas para a rua Bocaiúva, rua que terminava bem no Largo Lauro Müller (atual Praça Esteves Júnior). Na Baía Norte o mar era relacionado ao lazer e ao descanso, onde ficavam as moradias e a praia de banho; já na Baía Sul o mar era fonte de renda, de onde se tirava o sustento e local de trabalho.

"Até o século passado (XIX), o panorama socioespacial foi mais rural do que urbano e sem uma definição suficientemente nítida do seu perímetro. Somente no século XX o quadro social alterou-se com certa rapidez, promovendo um adensamento urbano e a consagração de hábitos e práticas mais citadinas do que rurais. Podemos admitir que a cidade expandiu-se mais depressa nos últimos trinta anos do lapso cronológico em estudo do que em todo o século XIX." (PACHECO, 2010, pg. 101)

*"Planta da Cidade de Florianópolis".
Projeto para a rede de esgotos, 1913 –
retirado do livro "Florianópolis - memória urbana", Eliane Veras da Veiga.*



Entre 1908 e 1916, podemos ver que várias ruas já começam a surgir, reforçando a ligação do centro histórico com as regiões como a Praia de Fora. Essas ruas, predominantemente residenciais, obtiveram maior importância, e assim foi surgindo a necessidade de estabelecer essa conexão. O mapa de 1913 nos mostra o processo de instalações de esgotos na ilha, mas também nos dá pistas de como a cidade já estava interligando seus bairros. Muitas ruas já venceram as barreiras da topografia e dos cursos d'água e a ocupação começa a se dissolver mais pelo território. Ao mesmo tempo, o centro mantém a sua malha ortogonal, se mantendo entre as topografias mais elevadas.

Entre 1927 e 1928, com a construção da ponte Hercílio Luz, a paisagem da cidade foi fortemente modificada, principalmente o sistema viário, afim de melhorar o escoamento do trânsito. Durante a primeira metade do século XX, muitos terrenos continuaram vazios, mas não mais por dificuldades de expansão trazidas pelo relevo ou rios, mas porque a especulação imobiliária naquela época já era crescente. A rua Presidente Coutinho e a Avenida Rio Branco são as principais conexões leste/oeste do polígono central, ambas se conectando à rua Esteves Júnior.

*"Planta da Cidade de Florianópolis".
Mapoteca do IPUF, 1913 - retirado do
livro "Florianópolis - memória urbana",
Elaine Veras da Veiga.*





À direita: Estudo da evolução da malha urbana do centro de Florianópolis. - "A Reconstituição das paisagens históricas na área central de Florianópolis/SC", UFSC. PASSOLD, Lucas. 2013



A ESCALA DA RUA E A SUA ARQUITETURA

Nos povoadamentos mais antigos do Brasil, as ruas eram compreendidas como meras linhas de percurso entre as residências e os pontos de interesse coletivo e não eram vistas como locais de permanência. Até meados do século XVII elas eram, em sua maioria, sem calçamento; somente a partir do século XVIII esta medida de infraestrutura pública passou a ser uma das principais preocupações do governo. As ruas e casas passaram, então, a ser objetos de cuidados, visando o deleite de seus usuários e a admiração dos transeuntes (PACHECO, 2010).

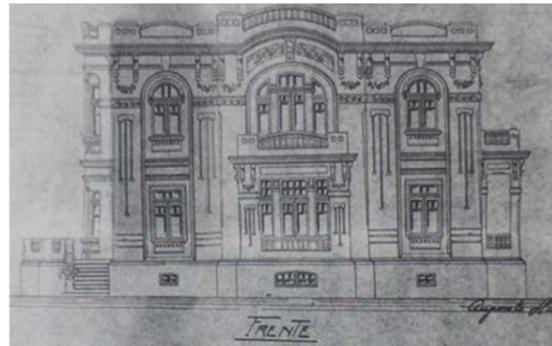
As construções no Brasil colonial eram corpos edificados térreos ou sobrados, muitas vezes geminados, sempre rentes à rua. Foi após a Independência que a paisagem começou a mudar, influenciada pelas aspirações da vida individual e coletiva. As casas sofreram alterações sobretudo na fachada, sendo introduzidos novos materiais, como o ferro e o vidro e detalhes como sacadas, guarda-corpos e bandeiras. O ecletismo, linha arquitetura do mundo cultural europeu no século XIX, foi introduzido no Brasil, impulsionado pela facilidade dos novos meios de comunicação e pelos produtos industrializados trazidos pela Revolução Industrial (PACHECO, 2010). No começo do século XX, foi significativa a evolução técnica e de estilo das habitações, surgindo neste período uma diversidade de estilos nas casas, como em Art Nouveau, manifestação contemporânea à época, e muitos resistem até os dias de hoje. Ao mesmo tempo, muitos estilos de linhas antigas foram resgatados e apareceram nas fachadas das casas, como o gótico e o estilo toscano.

O crescimento urbano de Florianópolis não foi resultado de uma ascensão econômica como aconteceu em algumas metrópoles do País, pois a cidade não estava inserida em nenhum ciclo econômico de destaque. Figuras importantes do capitalismo florescente da ilha foram os responsáveis pela “atualização da arquitetura” e “criação de loteamentos e edifícios de linguagem tecnológica e artística mais moderna”, tentando chegar o mais perto do que era uma cidade europeia, e não de uma vila provinciana (PACHECO, 2010).

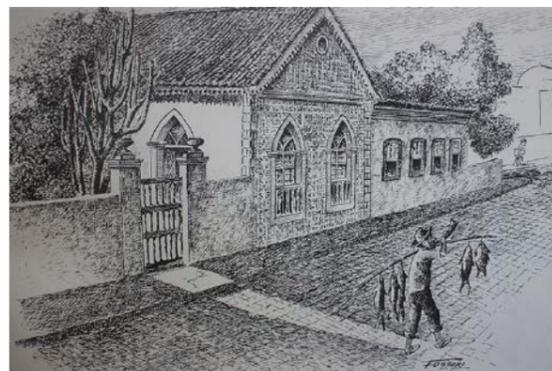
No século XX, a administração pública investiu na estrutura urbana, instalando redes de água, iluminação e esgoto e ampliando as primeiras linhas de transporte coletivo. As áreas mais periféricas ao centro começaram rapidamente a serem ocupadas e assim as ruas passaram a ser ampliadas e pavimentadas e a ter iluminação e calçadas. No ano de 1930, o centro intensificava seu caráter comercial e de serviços, enquanto que os bairros no seu entorno passavam a ter um cunho mais residencial. As grandes chácaras foram diminuindo seu território e dando lugar a novas residências e moradores. A rua Esteves Júnior se encontrava dentro desse perímetro de mudanças, reservando ainda algumas pequenas chácaras, e com casas de arquiteturas das mais variadas, tendo, ao longo da rua, uma aparência bem heterogênea (PACHECO, 2010). Assim como no resto do Brasil, a construção a partir de linhas ecléticas foi o tipo mais executado em Florianópolis a partir da metade do século XIX até começo do século seguinte, aparecendo não só em edificações abastadas, mas também nas da classe mais pobre.

A rua do Passeio foi uma rua predominantemente residencial e com um conjunto arquitetônico composto por construções coloniais, posteriormente, enriquecido por edifícios com traços ecléticos. Assim como as casas da Rua Bocaiúva e Almirante Lamego, na Beira Mar Norte, a rua do Passeio era cenário de casas requintadas, com acabamentos finos e onde a elite local focou seus olhares. Muitas das residências ali existentes, foram reformadas, tendo suas fachadas muitas vezes refeitas, sobrepondo os traços coloniais, resultando em um conjunto eclético com diferentes linguagens.

Um rebaixamento da rua no final do século XIX transformou os casarios da rua do Passeio, que passaram a exibir um porão alto, devido ao desnível considerável surgido entre a via e as casas. Percebe-se a existência destes porões através de aberturas, tipo óculos, com gradis de ferro, e é algo que podemos observar até hoje nas antigas casas resistentes na rua. Esse tipo de casario apareceu nessa época em quase todas as cidades brasileiras e teve larga difusão de sua inovação construtiva.



Projeto para Casa do Bispo, fachada principal, R. Esteves Júnior, 614 (1923) - extraído do livro "Florianópolis - memória urbana", Eliane Veras da Veiga.



"Dentro da Arquitetura Colonial, um chalé de frontaria azulejada e aberturas góticas: residência que existiu na esquina da Rua Esteves Júnior com Álvaro de Carvalho."

Croqui retirado do livro "Florianópolis de ontem", Domingos Fossari, 1987



"A casa em que nasceu Esteves Júnior, na rua de seu nome."

Croqui retirado do livro "Florianópolis de ontem", Domingos Fossari, 1987



"Casa de Sótão na rua Esteves Júnior."

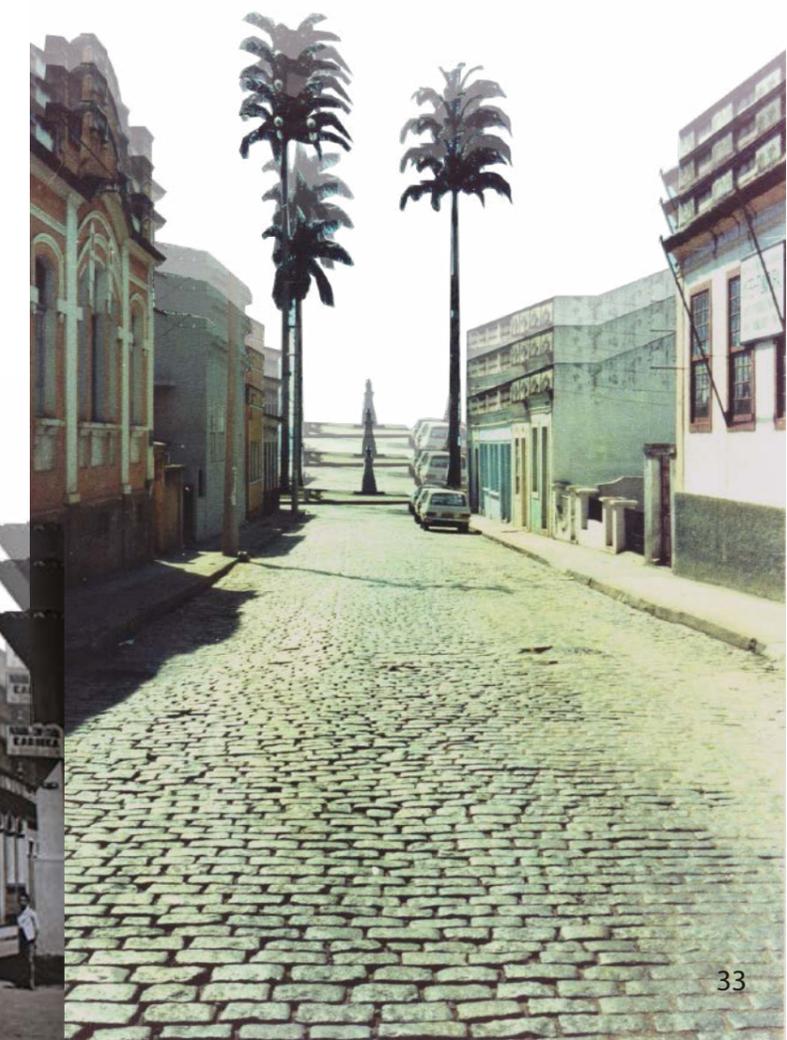
Croqui retirado do livro "Florianópolis de ontem", Domingos Fossari, 1987

Rua Esteves Júnior, 1890. Fonte: Acervo Casa da Memória



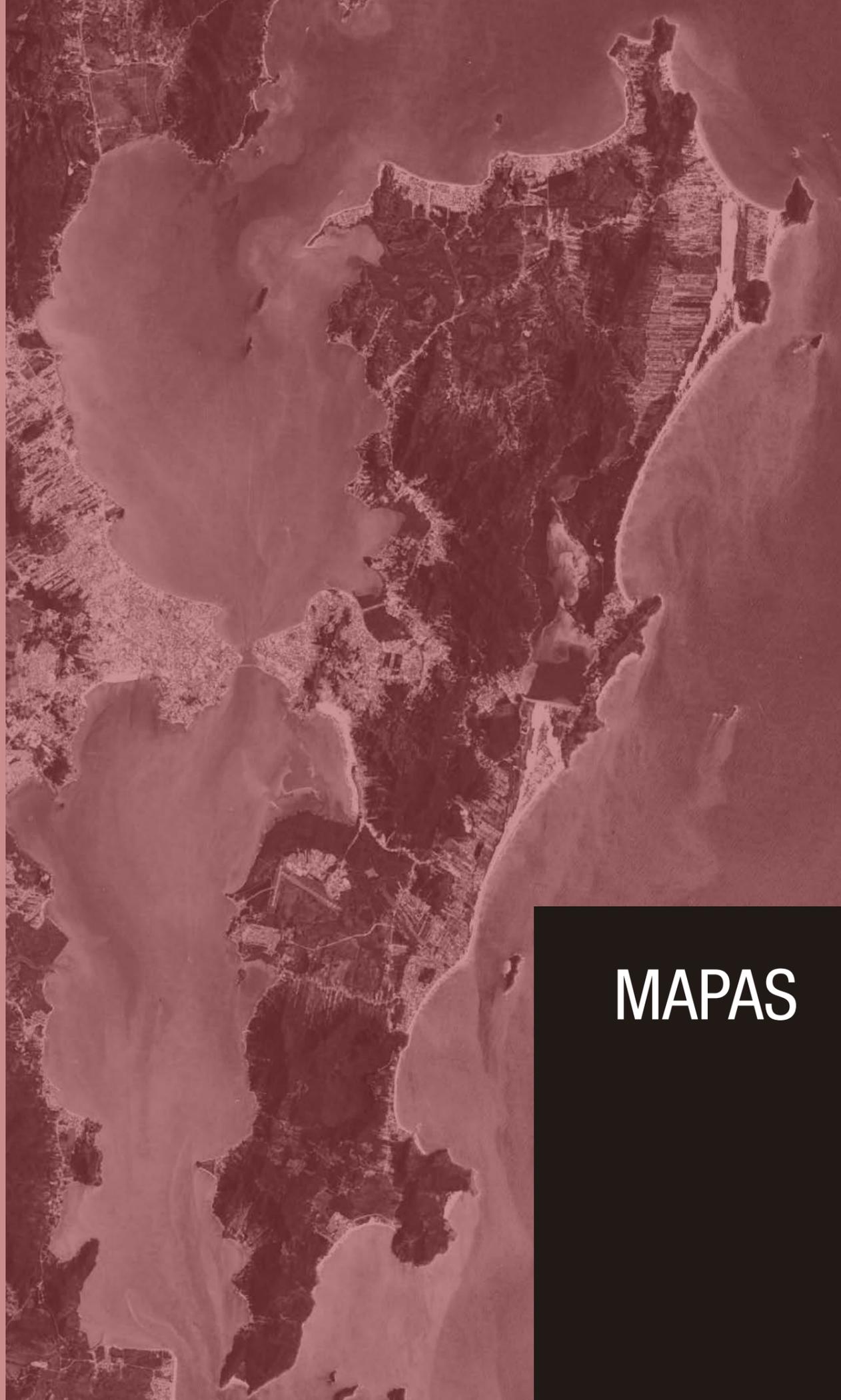
Colégio Catarinense na Rua Esteves Júnior em 1925. Fonte: "Ilha de Santa Catarina, Florianópolis", GERLACH, Gustavo. 2010.

Rua Esteves Júnior, 1979. Fonte: Acervo Casa da Memória



Esquina da Rua Felipe Schmidt com Álvaro de Carvalho e a Padaria Carioca à direita, em 1940. Fonte: "Ilha de Santa Catarina, Florianópolis", GERLACH, Gustavo. 2010.





MAPAS

USO DO SOLO

As ruas Esteves Júnior e Álvaro de Carvalho conectam as baías norte e sul, duas áreas com usos bem diferentes. No trecho próximo à baía norte, é possível observar que existem vários lotes residenciais e que possuem maiores áreas. Mais ao sul, próximo ao centro histórico e comercial, os lotes diminuem de tamanho, reflexo da antiga ocupação e densificação do centro da cidade. O número de lotes residenciais diminui, enquanto que os comerciais ganham força.

O trecho próximo à praça Esteves Júnior é marcado por centros de ensino e pequenos comércios. A dinâmica nessa parte da rua está intimamente relacionada com esses usos, sendo definida em grande parte pelos horários de entrada e saída de alunos. O comércio dessa área atende não só as escolas, mas também os moradores do entorno, oferecendo lanchonetes, restaurantes, academias e algumas lojas.

Depois desse trecho, segue-se uma sequência de edifícios residenciais, interrompidos pelo grande terreno do Arcebispado e por edifícios de serviços e institucionais, tais como o prédio do INSS e da Justiça do Trabalho. Na altura da Avenida Rio Branco, a rua se torna predominantemente comercial, existindo desde lojas até restaurantes e lanchonetes, que dão apoio aos edifícios de serviços daquela área. Daí até a rua Vidal Ramos, a rua Esteves Júnior possui grande variedade de usos: prédios residenciais, de serviço, institucionais, mistos e de comércio.

A rua Álvaro de Carvalho começa se caracterizando como típica rua de centro da cidade, com edifícios de serviço e comerciais. Quanto mais descemos esta rua, mais comercial ela se torna, até ela acabar na rua Francisco Tolentino, rua que beirava o mar antigamente e que é cheia de sobrados antigos. Os sobrados, atualmente, acolhem diferentes estabelecimentos de comércio.

- Comercial
- Residencial
- Misto
- Serviço
- Público
- Religioso
- Sem uso



GABARITO

A Avenida Beira Mar Norte e a rua Bocaiúva concentram edifícios com vários pavimentos, grande parte residencial. O trecho mais residencial da rua Esteves Júnior segue a mesma lógica, até a avenida Rio Branco, onde também se encontram muitos edifícios altos, porém não apenas residenciais.

Mais próximo ao centro, há uma diversidade maior quanto ao gabarito das edificações. No centro histórico, percebemos em maior número construções de 1 ou 2 pavimentos, em sua maioria, comerciais com sobreloja.

- 6 ou mais pavimentos
- 3 a 5 pavimentos
- 1 a 2 pavimentos
- Sem uso



CHEIOS E VAZIOS

Através deste mapa, percebemos como o centro comercial e histórico é densificado. As ruas são mais estreitas e os lotes são menores e quase em sua totalidade ocupados com uma ou mais edificações. Conforme subimos a rua em direção à baía norte, percebemos que os vazios aumentam, devido a uma menor taxa de ocupação dos lotes e alargamento das ruas.

Na altura da avenida Rio Branco, duas grandes construções se destacam: à esquerda, embaixo dela, o supermercado Angeloni; e à direita, acima, o prédio do INSS. No final da rua Esteves Júnior, os grandes vazios à esquerda dela são parte do lote do Colégio Catarinense. No final da rua, a praça Esteves Júnior configura um grande vazio público e respiro na cidade.



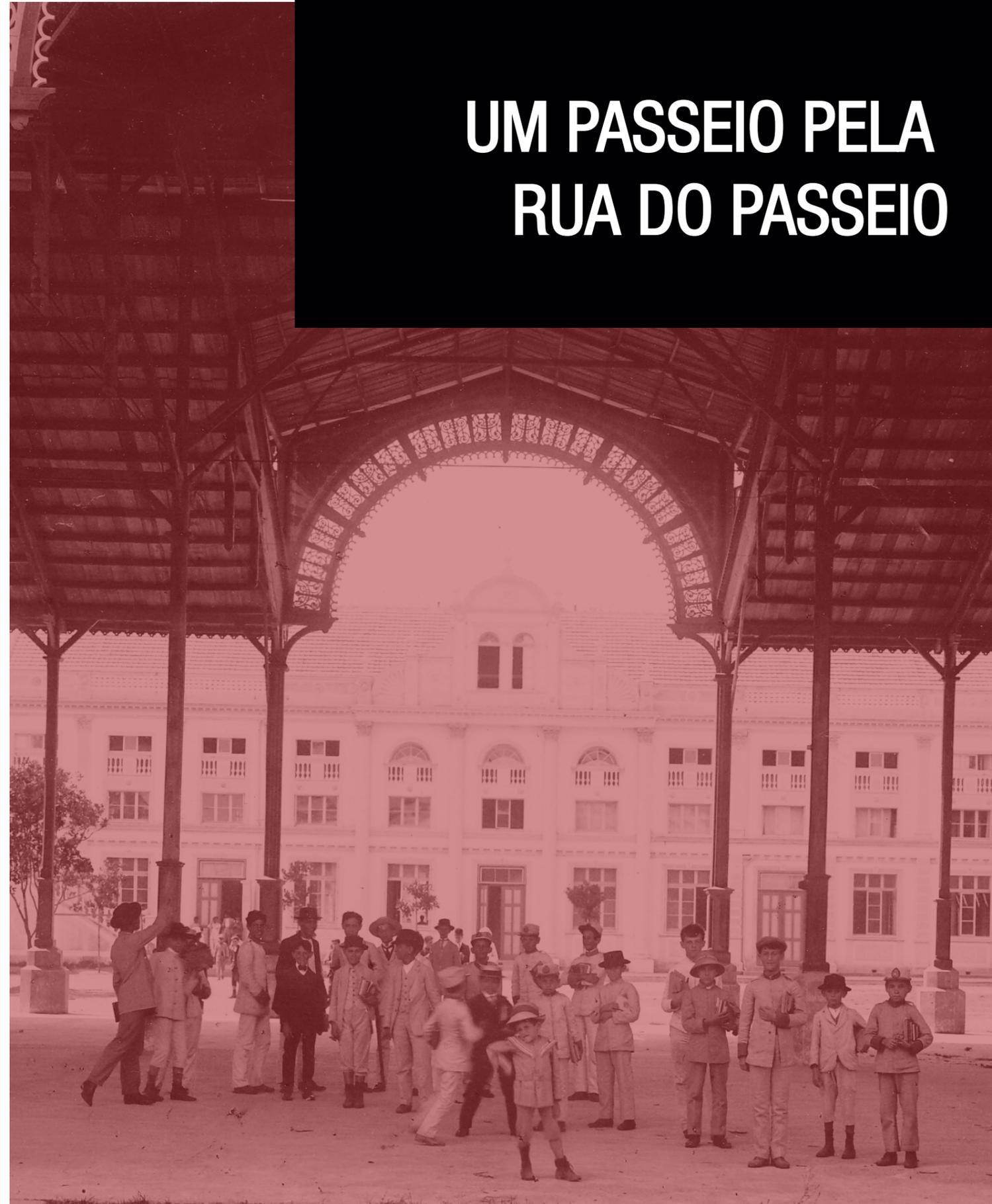
MALHA VIÁRIA

As ruas Esteves Júnior e Álvaro de Carvalho tem sentido Centro-Beira Mar, comportando apenas uma faixa de carros e faixas de estacionamento rente à calçada na maioria de seus trechos. Ela é uma das principais vias que fazem o escoamento dos carros do Centro para a Beira Mar e é também importante eixo de ligação para os pedestres. Elas são cortadas por vias importantes que conectam no sentido leste-oeste o triângulo central de Florianópolis, como a rua Tenente Silveira, a Avenida Rio Branco e a rua Bocaiúva, paralela à Avenida Beira Mar Norte. Durante todo o eixo existem alargamentos onde já se observa edifícios novos que obedecem um afastamento mínimo previsto no plano diretor da cidade e estreitamentos nas partes mais históricas, onde não existiu intervenção.



ENSAIOS

UM PASSEIO PELA RUA DO PASSEIO

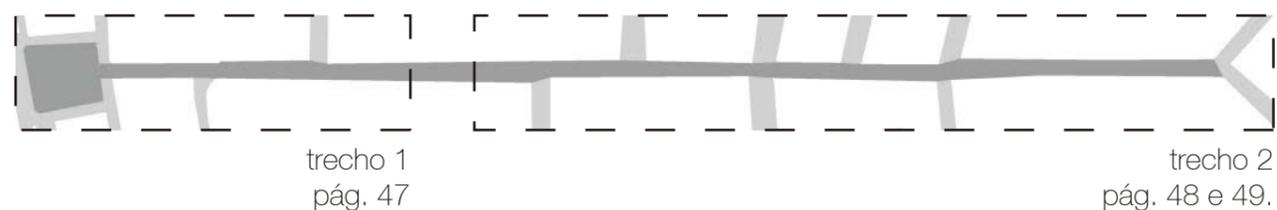
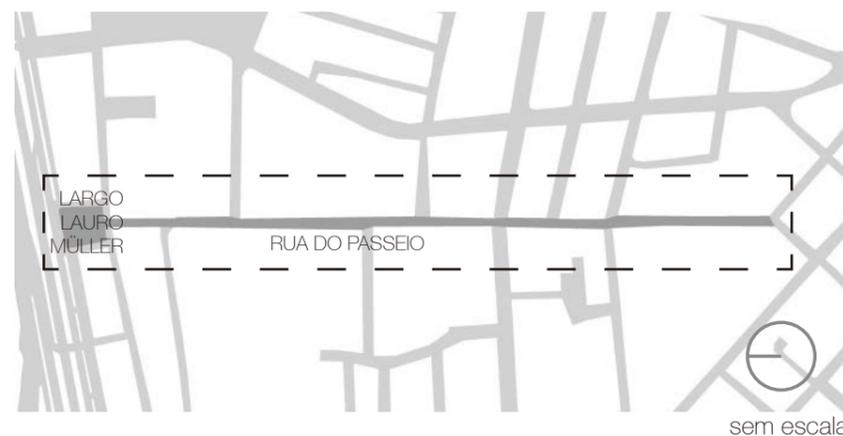


Galpão e antiga capela dos alunos do Colégio Catarinense, 1926. ACERVO Catarinense

"O tempo faz com que o passado escoe, como líquido, por entre as nossas mais antigas lembranças; o tempo transforma ressurge, mata, desgasta, corrói; mas o tempo também faz evocar memórias ou fazê-las desaparecer." (POYARES, 2005)

A partir da leitura do livro "História da minha rua - Memória da Rua Esteves Júnior", da autora Sara Regina Poyares dos Reis, pude caminhar pela rua Esteves Júnior, antigamente chamada de rua do Passeio, como há 60 anos se fazia. Sara é sobrinha do historiador e médico Oswaldo de Cabral, morador da rua assim como ela, que ali mora desde que nasceu até os dias de hoje, no terreno atrás da casa de Oswaldo Cabral, ainda existente. O livro é um relato das lembranças vividas por ela, ou que à ela chegaram, sobretudo a partir dos anos de 1940 e 1950, sobre as grandes casas e chácaras que ali existiam, seus moradores e festejos que ali aconteciam.

O percurso a seguir é um conjunto de fragmentos desse livro, que, através de fotos e trechos retirados dele, conta um pouco como era a rua do Passeio, sua arquitetura e dinâmica. Na página ao lado, está o primeiro recorte desse percurso, continuando nas páginas 48 e 49.



1 "Casa de Euclides Carreirão, seguida da casa do Sr. Sílvio Possobom. A próxima também era de um membro da família, Sr. Waldir Carreirão, onde funcionou a "Oficina Freitas", uma sapataria. A segunda casa da rua funcionava o armazém do Sr. João Cariori e a casa de esquina era o armazém do Sr. João Kristakis, que no final da década de 1950 passou a ser o Bar do Gentil."



3 "A residência dos Mesquita era muito bonita, com uma varanda central que dava acesso ao interior da casa. Tal varanda, com cobertura sustentada por duas colunas de ferro e lambrequins do mesmo material, possuía um muro de balaustrés que, no alto, também decoravam a platibanda."

6 Chalet de Egberto Moellmann, vendida ao Colégio Menino Jesus, que a demoliu.

"O chalet, com empena frontal coberta com madeira, tinha uma simpática varanda sustentada por pilastras de pedra. A casa situava-se na parte alta do terreno e possuía um simpático jardim."



"Casa com fachada art-déco, decoração recebida pela década de 1930."

2 Casa do relojoeiro Adolfo Boettger, onde funcionou uma pensão. No final da década de 1950, ali funcionou a primeira Faculdade de Filosofia, que quando passou para a Trindade, passou a ser casa do Estudante Universitário.



4 Antiga Chácara de João Vieira Pamplona no séc. XIX. A Casa Pamplona foi demolida em 1930 para construção do Colégio Catarinense.



7 Casa de Oswaldo Cabral

"No jardim, os canteiros foram desenhados com base em modelos franceses, o madeiramento da casa veio todo de Mato Grosso, material de primeira, que resiste até hoje; os azulejos foram todos desenhados pela firma Klabin, de São Paulo."



8 "Sem dúvida que era, essa casa, uma das mais belas da Rua Esteves Júnior. Possuía quatro janelas na fachada com belos elementos decorativos nas "sobre-vergas" apresentando "rosáceas" como ornatos sob os peitoris. Abaixo, no embasamento da fachada, junto à calçada, viam-se quatro "respiradouros". No alto, a cimalha apoiava-se sobre quatro pilastras com decoração imitando capitéis coríntios. Sobre a cimalha, a grande platibanda era formada de parte lisa, com ornato em rosácea, e parte com balaustrés. Acima da platibanda havia um ornato central e alguns "vasos de coroamento"."

5 Residência onde morou em 1920 à 1930 a família de Paulo e Elza Ehlke. Na década de 40 foi a pensão de Frau Leeman e depois casa do Engenheiro Haroldo Pederneiras, nome do edifício atualmente ali existente.



"(...) com suas palmeiras imperiais, seu pé de magnólia e suas trepadeiras se entrelaçando na varanda."

9 Casa da família Alcino Caldeira



"(...) Se bem me lembro, era uma das poucas casas da rua que se apresentava com uma "água-furtada" cuja janelinha, lá no alto da fachada, deixava passar nossos sonhos de menina."



12

"Na bela casa dos Mesquita, uma varanda lateral coberta protegia os vasos de plantas de Dona Zeny (esposa de Antonio). No jardim, crescia um pé de flamboyant, hoje dando nome ao edifício construído no terreno da velha casa onde somente a árvore permaneceu."

13 Residência da família Lepper

"Era uma casa com varanda à frente e pequeno jardim. Anteriormente, aí havia uma construção do século XIX."



14 "Atravessando a rua Presidente Coutinho, logo na esquina, havia o armazém do Sr. Nicolau Maes, geminado com uma casa de "porta-e-janela" e seguida de uma outra maior, com entrada lateral, onde residia a família."



18 "(...) na década de 1950, o terreno junto à esquina da Avenida Rio Branco foi vendido para o Dr. Isaac Lobato Filho, que aí construiu sua residência, onde hoje existe uma farmácia."



17 Belíssimo chalet onde residiu a família de Carlos e Lucy Wenshausen.



20 Casas geminadas

"As casinhas geminadas ainda hoje permanecem, embora totalmente descaracterizadas. Junto à última, a maior delas, que pertenceu ao Dr. Araújo, abriu-se, posteriormente, a continuação da Rua Joinville, hoje Dom Jaime Câmara."

21 Casas dos irmãos João e Francisco da Silva Ramos Júnior



"(...) A residência de João da Silva Ramos era mais simples, com ampla escadaria, porão alto, quatro janelas na fachada e platibanda sem decoração." (...) Já a residência de Francisco da Silva Ramos era mais senhorial, mais sofisticada, possuindo uma escadaria que terminava num grande terraço cercado de um muro de balaústres. No alto da construção, era visível a belíssima platibanda, também com a mesma decoração, apresentando, ainda, "vasos de coroamento".

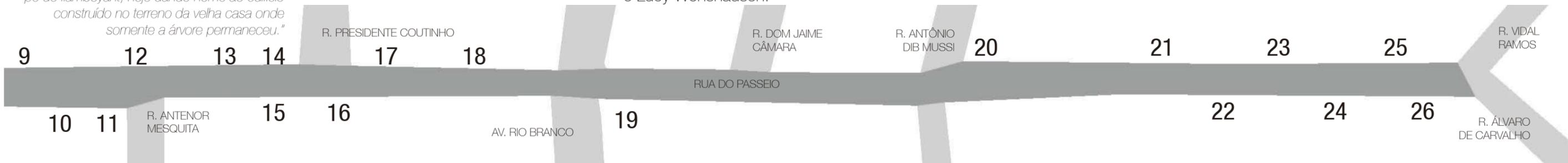
23 Chácara de José Maria Luz, deputado conservador, cuja esposa era prima de Duarte Silva

"(...) No alto da fachada, havia a clássica platibanda com balaústres e belas janelas com "guarda-corpos" em ferro forjado e respiradouros junto à calçada."



25 Antiga chácara de Duarte Silva

"Nas salas da residência, em frente à rua, com fachadas góticas, havia o consultório da Dra. Ilse Kreiling, que alugava essa parte do imóvel que um dia fora floricultura."



11 Residência Carlos Leisner (1940-1950)

"Bela, sóbria, silenciosa, vazia, sempre fechada, a cinza casa parecia não ter moradores e, para nós crianças, era meio mal-assombrada. (...) Situava-se ela junto à calçada e possuía varandas nas duas laterais ambas com jardins e largos portões."



10 Casa da família Orofino



"Era uma casa que conheci muito bem, com sua pintura externa verde escuro, sua imensa varanda com piso de azulejos hidráulicos e uma "colunata" contornando quase toda a construção."



16 Residência dos Kotzias

15 Chalet de Virgílio José Vilela, vendido para o Acerbispado, tendo incendiado e depois construído novo prédio, existente até hoje.

"Edificado na década de 1930 em estilo eclético, o Palácio do Bispo, como é conhecido, apesar de ser um prédio maior, jamais possuiu o charme e a beleza da casa antiga de Vilela."



22 Onde residiu membros da família Borenhauser. O portão conservado até hoje carrega as iniciais de Francisco e Emília Borenhauser.



19 Chácara de Henrique Rupp Júnior



"Lembro-me bem da casa e da chácara, na esquina da Avenida Rio Branco, onde hoje está o Supermercado Angeloni. Grande casa junto à calçada, com entrada lateral e imenso pomar. Algumas vezes lá estive, pois minha tia era amiga da proprietária e de sua filha Cecy, casada com o Dr. Oswaldo Bulcão Viana, colega de meu tio na política e na Medicina. Grande e bela chácara que como outras tantas, a cidade "matou".

26 Antiga chácara do Capitão João Pedro de Oliveira Carvalho (séc. XIX) e posterior Faculdade de Direito, construção com linhas art-déco, onde hoje é uma escola.



24 Duas casas geminadas, a primeira ainda existente, e a outra onde morou, em 1920, o juiz e desembargador Alcebíades Valério Silveira de Souza

"Duas casas de porão alto, de simples estilo luso, com entradas laterais."



Casa de Oswaldo Cabral, 1999. ACERVO Casa da Memória



UM ENSAIO ANACRÔNICO

A partir da leitura do livro "Vida Líquida", de Zygmunt Bauman, pude ter uma visão da sociedade em que vivemos como resultado de um motor movido pelo consumismo, pela rapidez e pelo desapego. É verdade que estamos acostumados a consumir bem mais do que necessitamos e a facilidade com que adquirimos produtos é em grande parte fruto da globalização e desenvolvimento de tecnologias, sobretudo aquelas trazidas pela internet e as facilidades advindas dela. Vivenciamos tudo de maneira rápida, buscando o maior número de experiências e produtos: o que vale é a quantidade, e não a qualidade. Dentre as várias formas de pensarmos alguns conceitos da sociedade, o de individualidade se conecta muito ao de consumo. Para sermos quem queremos, precisamos consumir, e por estarmos sempre reciclando quem nós somos, estamos sempre consumindo. O mercado não quer que nos apeguemos às coisas, pois, desta maneira, parariamos de consumir.

A lógica da sociedade líquido-moderna em que vivemos se reflete em vários de seus aspectos, sendo nítida a diferença na maneira com a qual encaramos certas coisas com o passar do tempo. O registro fotográfico, por exemplo, foi feito durante muito tempo pela passagem da luz através de um pequeno orifício, reproduzindo as imagens em películas sensíveis à luz. Desta maneira, existia um limite de poses, fornecido pela película, que só seriam visualizadas após a revelação dela. Havia uma maior preocupação com o ângulo, a luz e o enquadramento da foto, pois não existia a possibilidade de visualizar instantaneamente o resultado. O processo era lento, entre a produção e o produto. Com as câmeras digitais, o que vemos pode ser consumido instantaneamente e diversas vezes, da maneira que queremos, de forma rápida e prática. A praticidade e o conforto que esta tecnologia nos trouxe é incontestável, mas, por outro lado, às vezes viramos escravos do que ela nos proporciona. Deixamos de vivenciar um momento e damos prioridade a registrá-lo.

O seguinte ensaio é uma forma de apresentar edificações, ao longo das ruas Esteves Júnior e Álvaro de Carvalho, que resistiram ao tempo, através de uma ferramenta que se relaciona ao tipo de sociedade em que elas surgiram. É um resgate de um tempo em que tudo acontecia de maneira mais lenta e com limitantes hoje impensáveis. Foi utilizada uma câmera pinhole, feita de papel, que funciona da mesma maneira que uma câmera analógica, mas de forma mais arcaica e manual. Ela foi fabricada a partir de papel, filme fotográfico, uma bobina vazia, fita isolante e uma superfície refletora, como uma lata de refrigerante.



Casa do historiador Oswaldo Cabral.



Casa que hoje pertence ao Colégio Menino Jesus.



Casas geminadas no começo da rua Esteves Júnior.



Colégio Catarinense.



Foto da autora.



Casa no final da rua Esteves Júnior, próxima à Vidal Ramos.



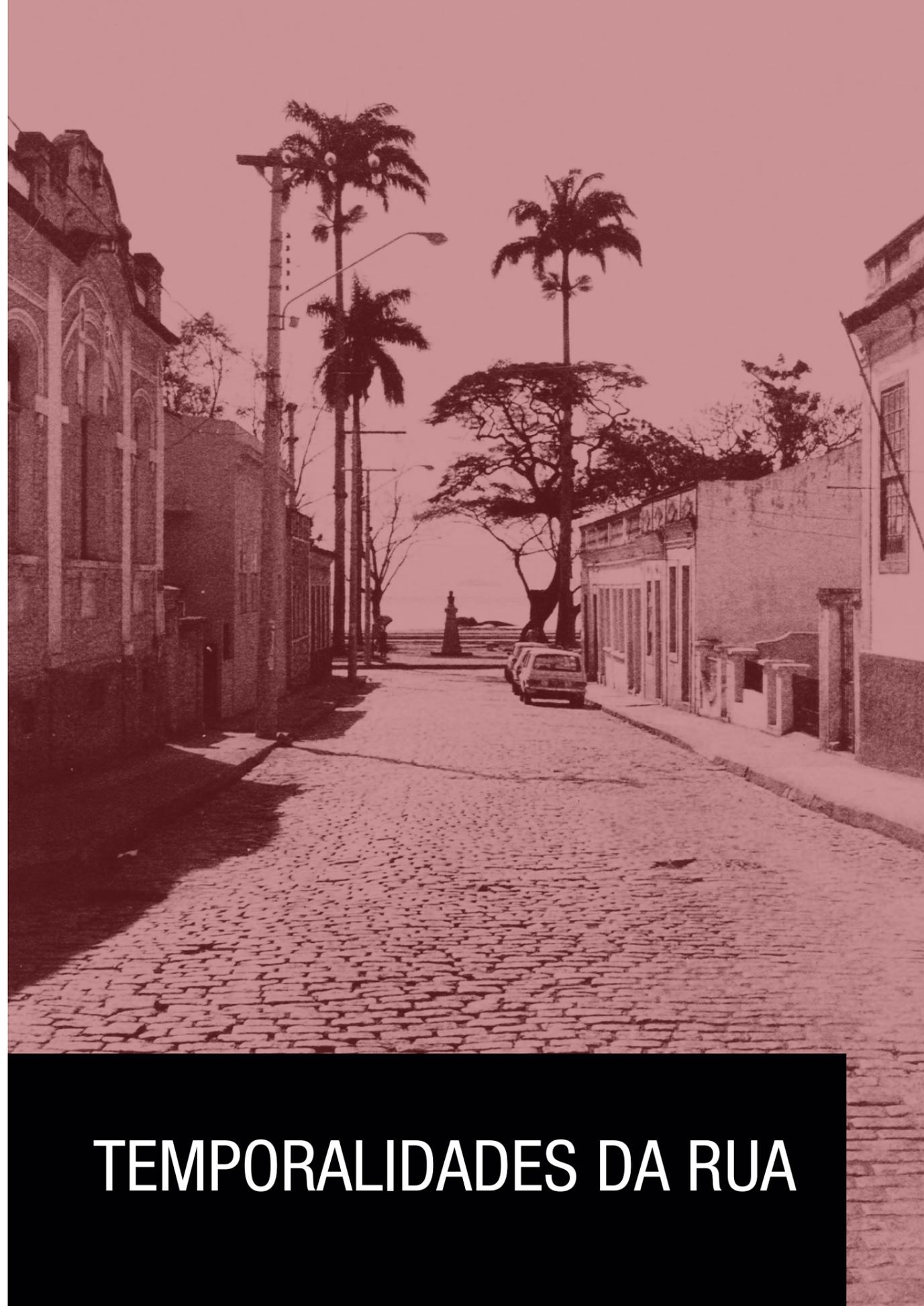
Arcebispo de Florianópolis.



Casas geminadas perto do Angeloni, da Av. Rio Branco.



Esquina entre a Rua Conselheiro Mafra e a Rua Álvaro de Carvalho.



TEMPORALIDADES DA RUA

Rua Esteves Júnior, 1979. ACERVO Casa da Memória

"(...) a paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos... a noção de tempo é fundamental a sociedade atual, mas a paisagem, pelas suas formas é composta de atualidade de hoje e do passado. A noção de escala é igualmente importante, pois se o espaço é total, a paisagem não é. Não se pode falar de paisagem total, pois o processo social de produção é especialmente seletivo. O espaço constituído que daí resulta é variegado. Formas de idades diferentes com finalidades e funções múltiplas são organizadas e dispostas de múltiplas maneiras cada movimento da sociedade lhes atribui um novo papel" (SANTOS, 2007, pg.60)

A paisagem urbana representa uma fronteira temporal da cidade, que se modifica de acordo com as necessidades e interesses de cada época. Os agentes sociais que a modelam o fazem a partir de estímulos sociais, econômicos, culturais e tecnológicos da sociedade de cada período da história. Ela é uma superposição de várias cidades, de camadas na paisagem que foram transformadas de acordo com as circunstâncias de cada época, e é, portanto, carregada de informações que nos contam a história de nossas cidades. Ao caminhar por uma rua, o que vemos é praticamente uma cristalização do tempo, pois as mudanças são melhor percebidas num espaço relativamente grande de tempo. As mudanças na paisagem urbana vêm acontecendo de maneira muito rápida desde o século XX, e é possível notar diferenças significativas na sua configuração.

A cidade de Florianópolis sofreu um grande impacto em sua paisagem com a construção da Ponte Hercílio Luz em 1926 e com a criação dos Aterros da Baía Norte, na década de 60, e da Baía Sul, na década de 70. A cidade foi moldada para atender a demanda de carros, que aumentou com a construção da Ponte. O Largo Lauro Müller foi mantido e reformado, hoje sendo conhecido por Praça Esteves Júnior, mas perdeu a proximidade com o mar, existente desde a construção do Forte São Francisco no mesmo lugar. A Rua Esteves Júnior Foi alargada, com exceção dos trechos entre a praça e o colégio Catarinense e entre as ruas Dom Jaime Câmara e Antônio Dib Mussi, que mantiveram a sua caixa de rua e calçamento (paralelepípedos), dando passagem para apenas uma fileira

de carros. Nesses dois trechos, se encontram edificações antigas que hoje são lojas, padarias, academias e até cabeleireiro. A rua Álvaro de Carvalho também teve sua caixa alargada, mas entre as ruas Felipe Schmidt e Francisco Tolentino, ela se afunila, sendo conformada pelos limites dos edifícios antigos que ali se encontram. Apesar disso, toda a rua é asfalta, com apenas os trechos das ruas Conselheiro Mafra e da Felipe Schmidt, que cortam a rua, em paralelepípedo.

Algumas árvores e edificações se mantêm durante décadas de rua. A praça Esteves Júnior possui palmeiras que ali estão desde a criação do Largo. Ao longo da rua, uma grande árvore na frente da antiga casa do historiador Oswaldo Cabral chama atenção, que junto à casa, resiste até hoje entre os dois paredões de prédios nas laterais do terreno. O Edifício Flamboyant, mais a frente, carrega esse nome pois manteve o grande flamboyant que pertencia à casa ali antes existente. Quanto mais próximo chegamos do centro histórico e comercial, percebemos que menos árvores resistiram ao crescimento urbano. Em compensação, mergulhamos em um cenário de casarões e sobrados antigos, que muito passa despercebido pelos transeuntes, vendedores ambulantes e trabalhadores locais.

A seguir, uma sequência de fotos antigas e atuais, tiradas de um mesmo ângulo, mostram algumas das temporalidades das ruas Esteves Júnior e Álvaro de Carvalho.



Av. Beira Mar Norte e Praça Esteves Júnior, 1979. ACERVO Casa da Memória, Florianópolis.



Av. Beira Mar Norte e Praça Esteves Júnior, 2016. Foto da autora do trabalho.



Entrada da rua Esteves Júnior, 1995. ACERVO Casa da Memória, Florianópolis.



Entrada da rua Esteves Júnior, 2016. Foto da autora do trabalho.



Esquina da rua Esteves Júnior com a Bocaiúva, 1979. ACERVO Casa da Memória, Florianópolis.



Esquina da rua Esteves Júnior com a Bocaiúva, 2016. Foto da autora do trabalho.



Trecho da rua Esteves Júnior onde se encontra o Colégio Catarinense, 1925. "Ilha de Santa Catarina, Florianópolis", GERLACH, Gustavo. 2010.



Trecho da rua Esteves Júnior onde se encontra o Colégio Catarinense, 2016. Foto da autora do trabalho.



Rua Esteves Júnior, próximo à Av. Rio Branco, 1980. ACERVO Casa da Memória, Florianópolis.



Rua Esteves Júnior, próximo à Av. Rio Branco, 2016. Foto da autora do trabalho.



Rua Felipe Schmidt a partir da Álvaro de Carvalho, 1980. ACERVO Casa da Memória, Florianópolis.



Rua Felipe Schmidt a partir da Álvaro de Carvalho, 2016. Foto da autora do trabalho.



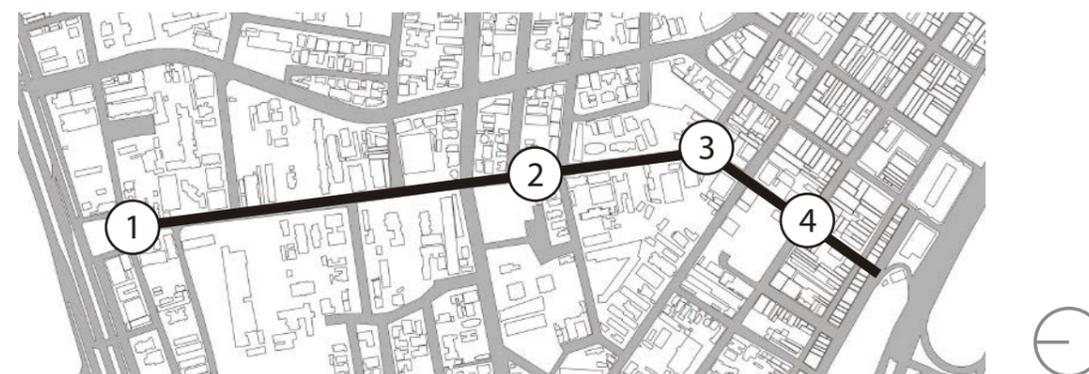
FASES DA RUA

Os centros das cidades brasileiras possuem dinâmicas totalmente diferentes nos dias de semana e nos fins de semana. Por serem localidades com predominância de estabelecimentos de serviço e de comércio, quando eles fecham, as ruas se esvaziam, e o silêncio predomina. O centro histórico e comercial de Florianópolis segue a mesma lógica e, apesar de existirem algumas poucas edificações residenciais, elas não são o suficiente para mudar a dinâmica do local.

A rua Álvaro de Carvalho, por estar mais inserida nesse perímetro comercial, se comporta dessa maneira. Ela está inserida no centro histórico e comercial da cidade e por isso possui muito movimento durante os dias de semana, entre 8h e 19h. Nos fins de semana, como rua de centro de cidade que é, ela se esvazia, sendo bem movimentada apenas na manhã dos sábados, período em que o comércio está aberto.

Já a rua Esteves Júnior é palco de diferentes tipos de relações e dinâmicas, pois atravessa territórios com comportamentos diversos, devido ao tipo de ocupação e uso diferenciado em cada trecho dela. Por ser bem residencial na sua extremidade, próximo à praça Esteves Júnior, é possível ver movimento nos fins de semana nesse trecho, mesmo que fraco. Mas o mais perceptível nessa rua são as diversas fases que ela tem em um mesmo dia. O fluxo de pessoas muda bastante dependendo do horário e trecho.

A seguir, uma sequência de fotos de alguns pontos chave de ambas as ruas mostra como elas se comportam em três situações diferentes: duas em dias de semana, mas horários diferentes, e outra em um fim de semana.



Mapa feito pela autora. SEM ESCALA

DIA DE SEMANA 7H



DIA DE SEMANA 12H



FIM DE SEMANA 12H



1 Na entrada da rua Esteves Júnior, a partir da rua Bocaiúva, se encontram dois grandes colégios de Florianópolis, o Colégio Catarinense e o Centro Educacional Menino Jesus. Eles são determinantes para a apropriação desse trecho e suas temporalidades. Às 7h, o movimento começa, com a chegada de estudantes e trabalhadores, tanto dos colégios, quanto dos pequenos comércios e serviços ali existentes. Apesar da chegada em massa de pessoas, a rua tem um fluxo leve a esse horário, o que muda completamente perto do meio dia, por conta da saída dos estudantes e do horário de almoço. Às 12h, esse trecho da rua fica repleto de pessoas e de carros, congestionando o escoamento para a rua Bocaiúva e para a Av. Beira Mar Norte. Nos fins de semana ela tem uma movimentação muito menor, mas ainda existente, devido aos moradores dos vários edifícios residenciais.

DIA DE SEMANA 7H



DIA DE SEMANA 12H



FIM DE SEMANA 12H



2 No trecho próximo ao Padeiro de Sevilha e ao supermercado Angeloni, o movimento é significativo durante todo o horário comercial. Por ser local próximo à Av. Rio Branco e à Av. Othon Gama d'Eça, esse trecho é bastante utilizado por quem trabalha nos diversos edifícios comerciais e de escritório ali perto, tendo vários restaurantes e lanchonetes que atendem a demanda dos trabalhadores locais. Das 7h às 20h, ele é bastante frequentado, e é conexão entre o trabalho e o terminal de ônibus. Nos fins de semana, mesmo com uma intensidade menor, esse trecho ainda vive, devido ao grande supermercado na esquina da Av. Rio Branco e aos edifícios residenciais que ali se encontram.

DIA DE SEMANA 7H



DIA DE SEMANA 12H



FIM DE SEMANA 12H



3 O final da rua Esteves Júnior, onde ela se bifurca para a rua Vidal Ramos e a rua Álvaro de Carvalho, possui uma dinâmica parecida com o trecho anterior, por ser também território de ocupações tanto residenciais, quanto comerciais e de serviço. É, portanto, importante canal de chegada e saída de trabalhadores, estando sempre movimentada dentro do horário comercial. Nos fins de semana, possui pequena movimentação, por já estar dentro de um perímetro mais comercial do que residencial.

DIA DE SEMANA 7H



DIA DE SEMANA 12H



FIM DE SEMANA 12H



4 A rua Álvaro de Carvalho se caracteriza por uma dinâmica típica de centros, com forte fluxo de pessoas, tanto de trabalhadores, quanto de usuários que ali estão em busca de algum serviço ou comércio. Ela está então sempre bem movimentada durante o horário comercial, tanto de carros, quanto de transeuntes. Sendo continuação da rua Esteves Júnior, o fluxo se converge para ela em direção ao terminal de ônibus, ficando repleta de pessoas no começo da manhã e no fim da tarde. Em compensação, nos fins de semana, a rua está totalmente vazia, sendo pouco o movimento dela durante os sábados e domingos.

MATERIALIDADES DA RUA

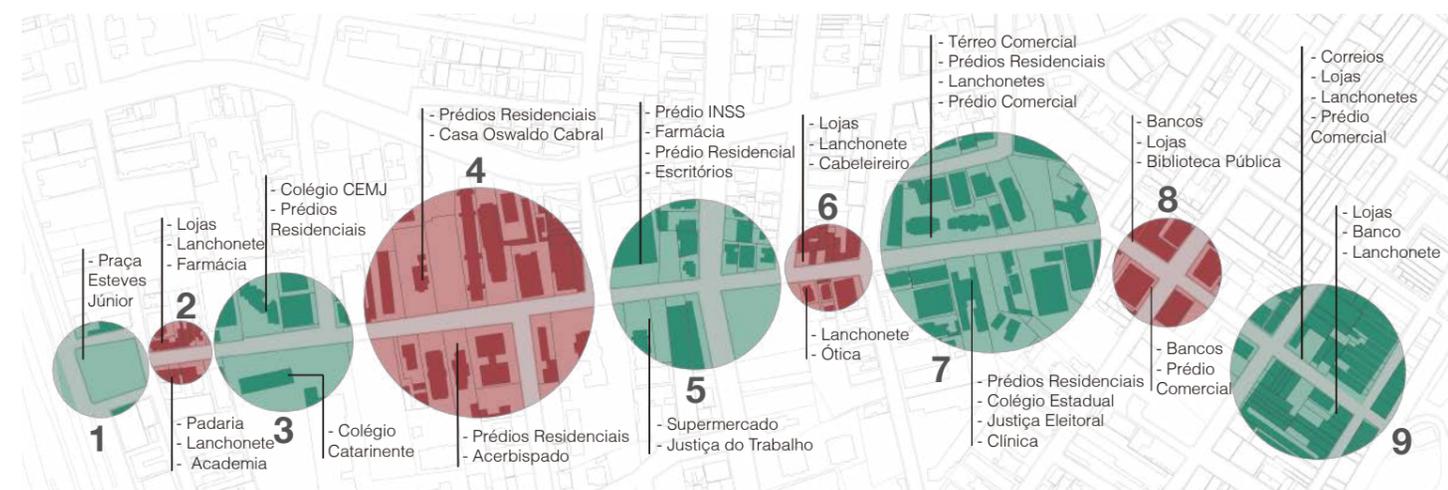
Calçada no trecho próximo aos colégios. Foto da autora



**CAMINHANDO
PELA RUA
-9 CAPÍTULOS-**

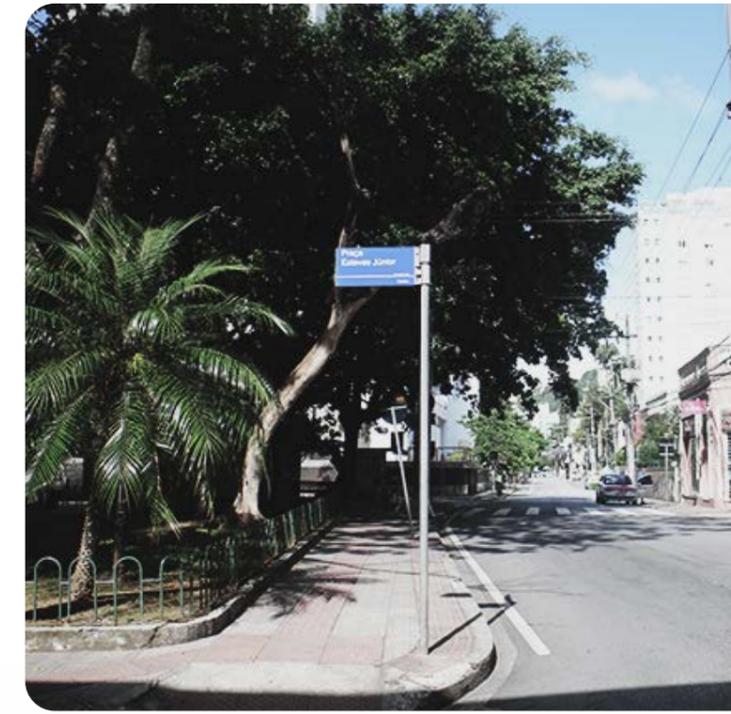
O meu passeio começa na praça e segue por toda a Rua Esteves Júnior, terminando no centro, no final da rua Álvaro de Carvalho já próximo à Avenida Paulo Fontes. Vejo o percurso como um só, assim como o era no passado, tempo em que quem morava perto da Praia de Fora se deslocava até o centro para fazer negócios ou compras, ou no sentido contrário, saindo do centro em direção à praça, em busca de lazer na praia ou um passeio agradável entre as grandes e belas casas. Atualmente, sua malha viária contribui para essa noção de unidade, tanto para os carros que seguem em uma só direção, quanto para o pedestre, uma vez que as ruas ligam direta e claramente o Norte e o Sul.

O relato que se segue é uma tentativa de imersão nas ambiências da rua, definidas a partir de zoneamentos feitos por mim de acordo com sensações provocadas no corpo ao longo do trajeto. Foram identificados nove trechos, aqui intitulados capítulos, nomeados com termos sinestésicos, que transmitem um pouco como é atravessar cada trecho.



1 RESPIRO VERDE

Onde hoje os carros passam em alta velocidade sobre o asfalto, no passado o mar lançava suas águas sobre uma praia para banhistas, a Praia de Fora, cenário de grandes chácaras e morada da aristocracia de Desterro. Os efeitos da maré tocavam o Forte São Francisco que, após sua destruição no final do século XIX, tornou-se o Largo Lauro Müller, com jardins de flores, gradis metálicos e uma fonte. Hoje o Largo se chama Praça Esteves Júnior, onde se encontra uma estátua em homenagem ao político Esteves Júnior, que foi senador de Santa Catarina. Ela conserva características de antiga praça que é, com gradis e bancos metálicos e seus jardins bem cuidados, e conta com dois canhões antigos encontrados soterrados muitos anos depois da destruição do Forte. O verde predomina na grama, nos pequenos arbustos e também nas grandes árvores frondosas e antigas e esbeltas palmeiras. A praça é um respiro em meio ao paredão de prédios da Beira Mar e ao mar de carros e asfalto que bordeiam a costa de fora. Seu corpo vegetal deixa fresco o ambiente e proporciona sombra aos frequentadores da praça, além de suavizar ruídos dos carros e dos estudantes ao redor dela. Em seus bancos não é raro encontrar idosos a tomar sol ou pessoas em situação de rua procurando um lugar agradável e sossegado para descansar. Os alunos dos colégios ali vizinhos também são visitantes assíduos que, assim como muitos trabalhadores locais, se direcionam ao ponto de ônibus da praça a fim de se deslocar pela cidade.





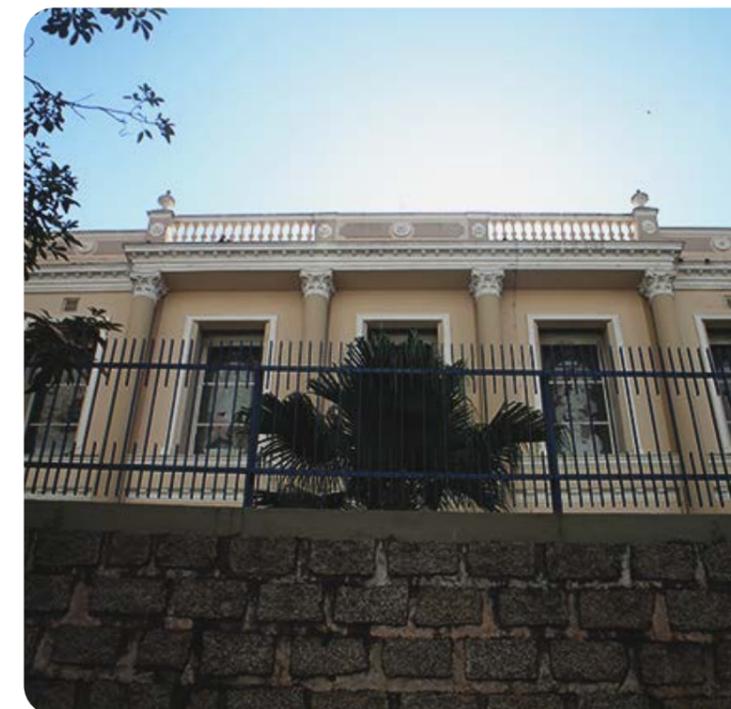
2 MEMÓRIA COLORIDA

Entrar na Rua Esteves Júnior é como dar um passo atrás no tempo. Seu trecho inicial é patrimônio da cidade, com sua sequência de casas geminadas coloridas e a rua de paralelepípedo mantida. Ainda hoje percebe-se os porões com aberturas e gradis de ferro, que surgiram no final do século XIX após um rebaixamento da rua. Além de terem servido como residências, esses casarios abrigaram também comércios e serviços vicinais como a “Oficina Freitas”, uma sapataria da família Carreirão e um armazém, que passou a ser o “Bar do Gentil” no final da década de 1950. Uma edificação ao lado do Colégio Catarinense, hoje anexo ao prédio residencial ao fundo, foi onde funcionou a primeira Faculdade de Filosofia e também a casa do Estudante Universitário. Nos dias de hoje, o comércio vicinal ainda prevalece nesse trecho, contando com padaria, farmácia de manipulação, academia, loja de uniformes escolares e lanchonetes. Esses estabelecimentos servem aos moradores locais e aos alunos dos colégios ali ao lado. As fachadas convidativas são palco de um cotidiano “entra-e-sai” de pessoas em busca de algo para comer, fazer exercícios físicos ou comprar algo para a casa. Sobre tudo nos horários de entrada e saída dos alunos, caminhar por esse trecho é sentir calor humano, é relembrar momentos da nossa infância, é passear pelo passado e é cheirinho de pão recém-saído do forno.



3 MANADA JOVEM

Ao tocar o sinal dos colégios ao término das aulas, seja na hora do almoço ou no final da tarde, a rua é tomada por estudantes, seus pais, tios, avós, animais de estimação. A rua fica, então, repleta de pessoas, que chegam a pé ou de carro. Carros e vans tomam espaço na rua e nas estreitas calçadas trancando a passagem de pedestres e congestionando o trânsito. São momentos intensos, alternados por gritos de “vem logo, meu filho”; “pai, tô morrendo de fome”; de risadas; broncas, além de buzinas impacientes. Esse clima tumultuado dura menos de uma hora, mas transforma totalmente a ambiência desta parte da rua. Em frente a um dos prédios residenciais da área, alguns estudantes sempre se juntam encostados no muro para conversar e passar o tempo, formando um paredão vivo que chama a atenção de quem passa pela rua. Instantes após esse surto rotineiro, a rua volta a se acalmar, recebendo apenas o vai e vem de trabalhadores e moradores locais. O Colégio Catarinense se destaca na paisagem com seus grandes edifícios que datam do início e final do século XX. De um lado desse trecho da rua, caminhamos sempre rente ao muro de pedras do Colégio, que se estende até metade da quadra, e do outro, começamos a perceber um aumento de prédios residenciais.





4 *SOMBRA CALMA*

As árvores chamam a atenção nesta parte da rua, afetando diretamente a sensação de quem caminha por ali. Algumas de grande porte, antigas personagens da rua, criam sombra na calçada e, dependendo da época do ano, um tapete de flores ou de folhas secas. Assim como os prédios residenciais que encontramos nesse trecho são o lar de muitas pessoas, os galhos dessas árvores são habitat natural para passarinhos que com sua cantoria diária, não passam despercebidos a qualquer transeunte. Uma antiga casa com um enorme flamboyant no jardim se diferencia dos condomínios residenciais vizinhos, quase engolida pelo crescimento dos prédios. Ela foi a casa do historiador catarinense Oswaldo de Cabral, hoje tombada como patrimônio do município, e que se encontra sobre um fundo terreno bordeado por um muro e um portão de ferro inglês. Mais à frente, um pequeno flamboyant dá nome a um edifício residencial, onde no passado viveu a família Mesquita quando a árvore ainda começava a tomar forma. Uma grande mangueira também aparece sombreando o passeio, na frente de um dos prédios residenciais mais permeáveis visualmente da rua, com gradis leves e térreo livre. Nesta rua há uma diversidade curiosa de tipologias residenciais, uma mistura de condomínios novos cercados por altos muros e de antigos prédios que permitem que a calçada avance no terreno e estabeleça uma relação fluida com a rua. Por último encontramos o imponente Arcebispado de Florianópolis, edifício eclético da década de 1930, rodeado de antigas árvores, tanto em seu terreno, quanto na rua à sua frente, a Presidente Coutinho, o que contribui para a sensação de calma e frescor.



5 CAOS MOTORIZADO

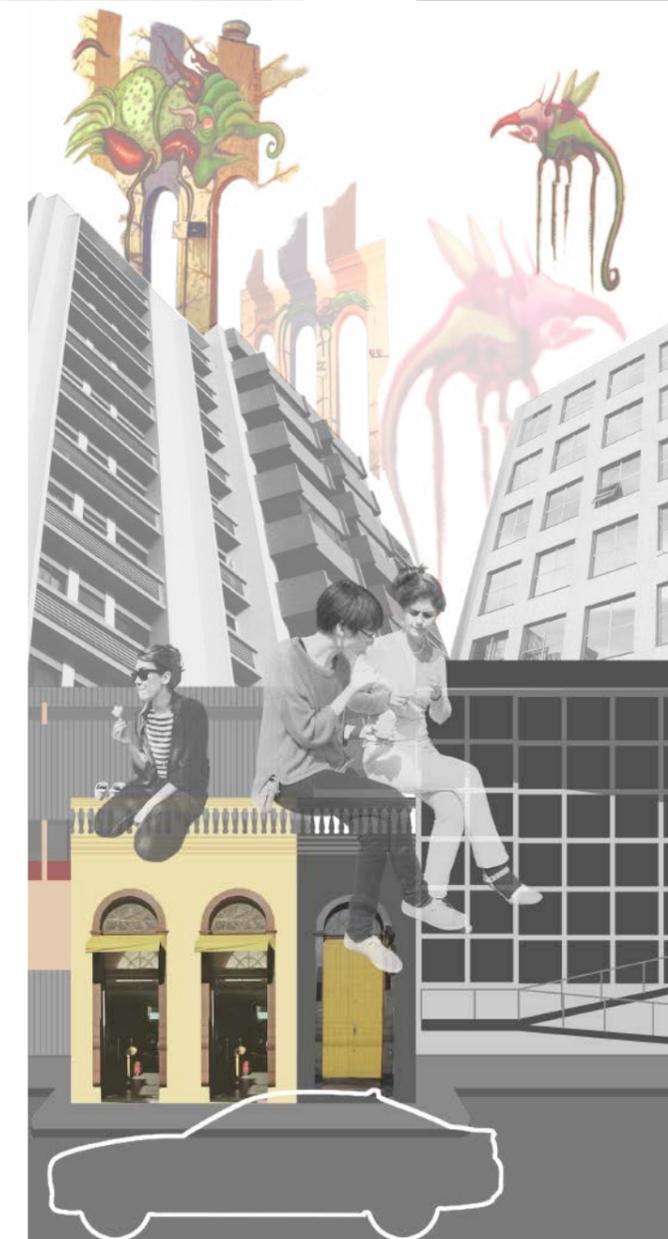
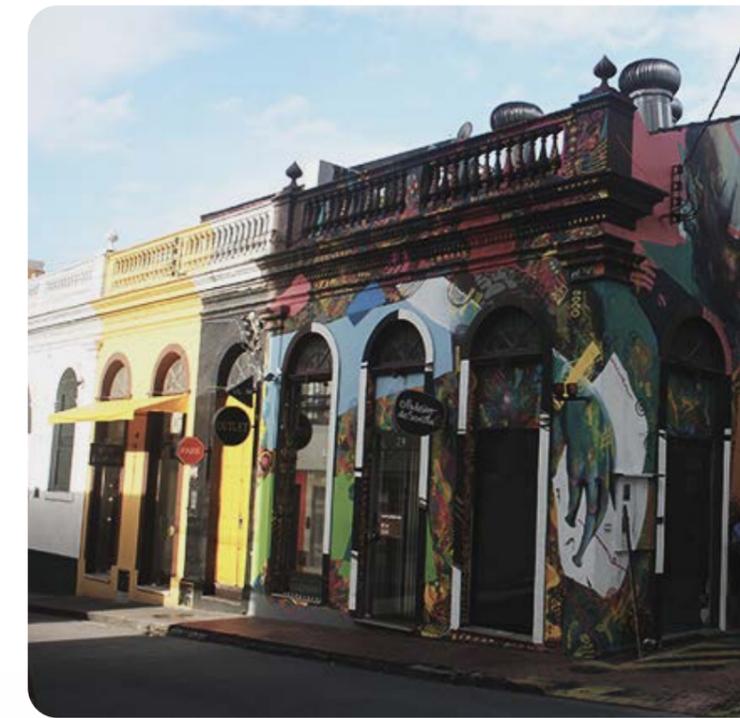


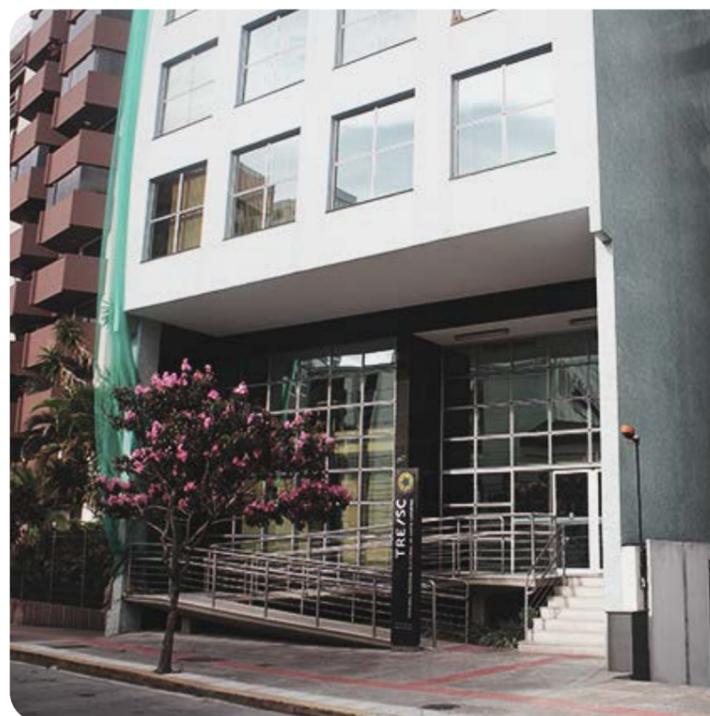
Com grande contraste, o que vem a seguir é uma atmosfera caótica e uma interrupção do caminhar, acarretado pela movimentada Avenida Rio Branco e seus semáforos regulados para os carros. Atravessá-la é um exercício de paciência e agilidade, ritmado pelo apitar do semáforo de pedestre que rege o compasso frenético das pessoas que ali ensaiam em chegar ao outro lado antes que os carros arranquem. Durante a semana, o movimento de pessoas nessa parte da rua é grande, estimulado pela concentração de edifícios comerciais e de serviços. A enorme e hermética caixa laranja e cinza na esquina se destaca entre as tipologias arquitetônicas até agora encontradas, e abriga um supermercado sempre cheio de clientes. Nos finais de semana, esse supermercado, junto com alguns prédios residenciais do entorno, impedem que esse trecho se esvazie por completo, mantendo, mesmo que pequena, uma dinâmica local.



6 MUVUCA FAMINTA

Junto com a Rua Tenente Silveira e a Avenida Prefeito Osmar Cunha, a Rua Esteves Júnior auxilia no escoamento dos carros no sentido Centro-Beira Mar Norte. Neste trecho ocorre um afunilamento da caixa da rua, devido ao casario antigo e seu tombamento, concentrando regularmente uma fila de carros que aguardam para virar na Avenida Rio Branco ou seguir rumo à Rua Bocaiúva. Entre um carro e outro, trabalhadores locais se deslocam de um lado da rua a outro em busca de algo para comer na hora do almoço. São inúmeras as opções como restaurante self-service, lanchonete de calzones, uma casa especializada em empadas e uma padaria, conhecida pelas suas compridas mesas de piquenique. De um lado da rua, as casinhas históricas ganham vida não só pelo seu colorido mas também pelo fluxo de pessoas que as frequentam. Do outro lado da rua, as casas estão mais descaracterizadas e funcionam como sobrados, abrigando também lanchonetes e restaurantes. A calçada estreita muitas vezes transborda de gente, movida pela fome, pela pressa ou pela vontade de voltar para casa.





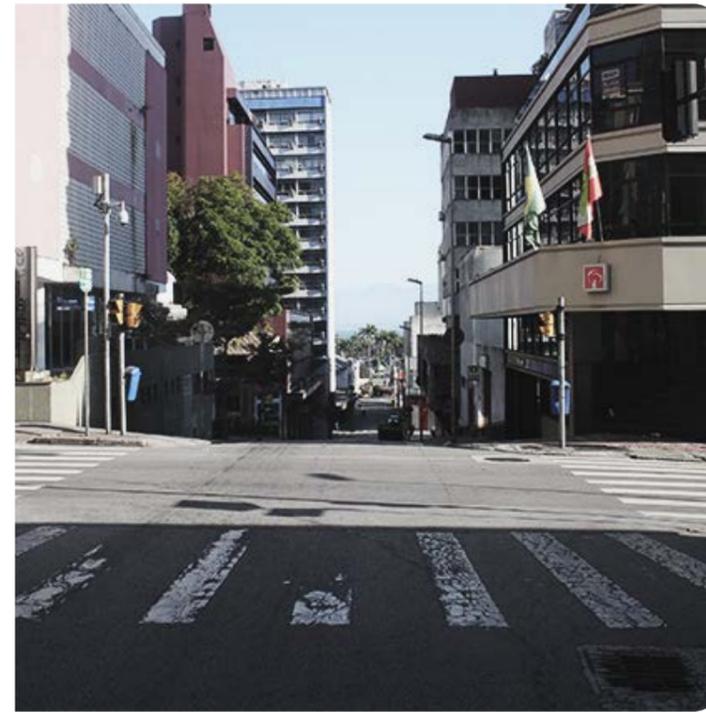
7 MISCELÂNEA TRANSITÓRIA

Aqui se vê de tudo um pouco. Difícil caracterizar esse trecho de forma uniforme pois de fato muitas coisas estão acontecendo ali. É só olhar o mapa de uso do solo para constatar que aqui existem muitos estabelecimentos diferentes e, conseqüentemente, pessoas diferentes se apresentam neste espaço. Ele abriga desde edifícios residenciais com térreo comercial, lanchonetes e uma escola estadual, até edifícios públicos e uma clínica médica. Pelas suas calçadas passam sujeitos engravatados, famílias passeando com o cachorro, estudantes barulhentos e trabalhadores apressados. As calçadas mais largas, assim como a caixa da rua, dão a sensação de baixo fluxo de pessoas, quando na verdade ele é intenso devido à rua servir de canal distribuidor de pessoas que chegam e saem do terminal de ônibus do Centro. Fachadas espelhadas refletem a luz e os prédios ao seu redor, negando à rua um olhar mais curioso de quem busca saber o que acontece por trás delas.



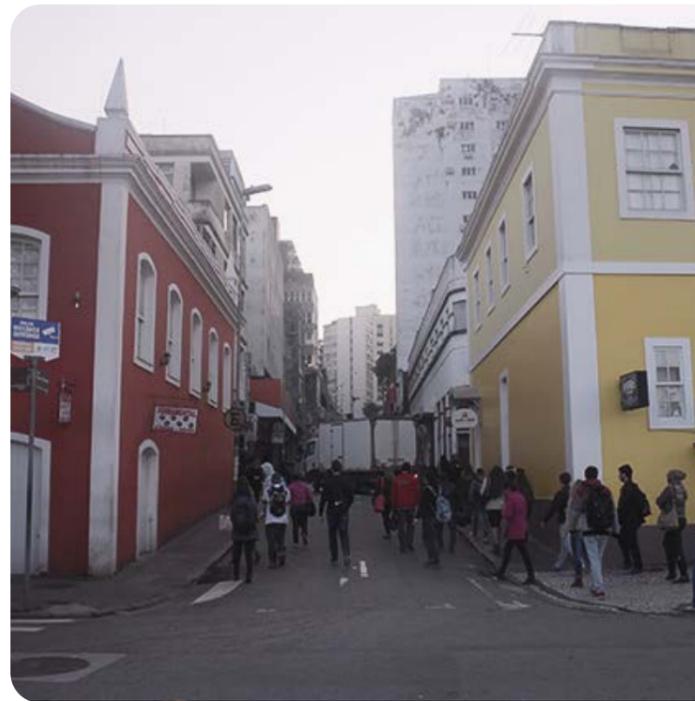
8 CRUZAMENTO PORTAL

Neste ponto da rua a parada é obrigatória, seja por causa da passagem dos carros, seja pelo enquadramento que seus prédios conformam. Do alto do cruzamento da Rua Álvaro de Carvalho com a Rua Tenente Silveira se vê, lá embaixo, as palmeiras do inacabado projeto para o aterro da Baía Sul de 1978, do arquiteto Roberto Burle Marx. Um olhar mais atento percebe também os contornos do Morro do Cambirela no horizonte, um dos mais altos de Santa Catarina. Neste encontro de ruas, as esquinas são bem demarcadas por quatro prédios. A Biblioteca Pública, com seus traços do modernismo tardio, seu quadriculado de janelas e empena avermelhada, se destaca no cruzamento. As outras três esquinas possuem três bancos situados em edifícios com muito concreto aparente, um deles chamando a atenção pelos seus arcos envidraçados. O que se segue após esse ponto da rua é um mergulho no centro comercial e histórico de Florianópolis, em uma descida que cada vez mais estimula os sentidos do corpo.

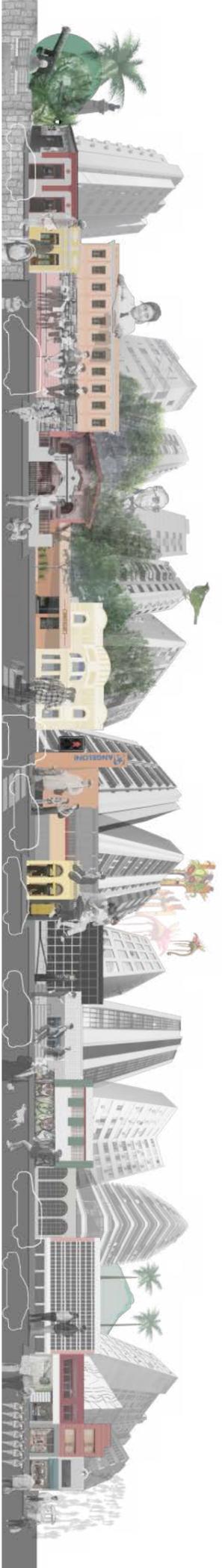


9 FERVO SENSORIAL

A descida pela rua é uma gradação ascendente de sons, cheiros, movimentos; um mergulho cada vez mais profundo na escala dos corpos e de seus deslocamentos, em que o olhar se prende ao nível térreo e ao que nele acontece. As fachadas são vitrines permeáveis, cheias de informações e produtos que atraem diferentes consumidores. As duas principais vias comerciais exclusivas de pedestres atravessam a rua Álvaro de Carvalho, trazendo com elas uma afoita multidão de trabalhadores, consumidores, famílias a passeio, vendedores ambulantes. É preciso estar atento ao caminhar: prestar atenção nas pessoas que passam com pressa, nos anúncios verbalizados aos gritos como o tradicional “compro ouro, pago bem no ouro!” e aos cheiros advindos sobretudo das barraquinhas de milho verde e coco. Quanto mais perto do final da rua, mais cores, texturas e odores se revelam. Os carros continuam sendo personagens muito presentes, assim como as motos na faixa de estacionamento rente à calçada, já próximo à Rua Conselheiro Mafra, o que cria uma barreira para quem quer se deslocar para o outro lado da rua. Mas é só visitarmos esse trecho à noite ou no domingo que o quadro muda totalmente. Ele se torna deserto e silencioso, pois sem pessoas morando no local e sem comércio vicinal que sustente a dinâmica que existe, por exemplo, nos primeiros trechos da Rua Esteves Júnior, a rua se esvazia e muitas vezes transmite uma noção de insegurança para quem por ali passa. Sem os olhos da rua de Jane Jacobs, a rua perde sua vivacidade.



PROPOSTA



HIBER-RUA

HIBER-RUA

HIBER-RUA

A noção de rua extrapola o de simples conexão entre residências e pontos de interesse coletivo, como locais de trabalho ou lazer. Por ser espaço público compartilhado por desconhecidos, a rua é lugar de convivência em potencial. “É nos espaços públicos que a vida urbana alcança a sua expressão mais plena” (JACOBS, 2000), pois eles são cenários do convívio de pessoas diferentes e onde acontecem atividades variadas. Neles que a diversidade deve ser celebrada.

“As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais. Ao pensar numa cidade, o que lhe vem à cabeça? Suas ruas. Se as ruas de uma cidade parecem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecem monótonas, a cidade parecerá monótona.” JACOBS, 2000.

O sentido de lugar está vinculado à dimensão humana e às experiências e vivências no espaço, geradoras de identidade e simbologias. Ele é construído tanto na escala do espaço compartilhado socialmente, quanto em uma escala mais individual, relacionada aos sentimentos e concepções pessoais. Para André Lemos (2003 *apud* DINIZ, 2008), ao caminhar pela rua, os cheiros, ruídos e estímulos visuais com os quais o corpo tem contato interagem com a bagagem pessoal e com a vivência de cada um com a cidade, remetendo a leituras e interpretações relacionadas ao contexto de cada pessoa.

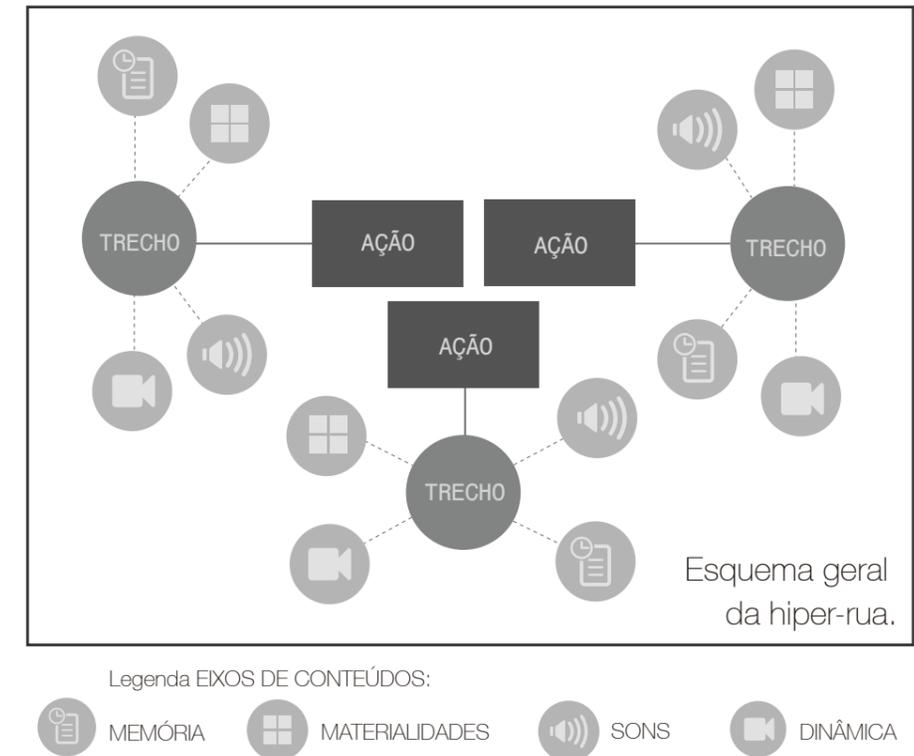
“(…) Nossos corpos e movimentos estão em constante interação com o meio ambiente; o mundo e o indivíduo informam e redefinem-se constantemente. A percepção do corpo e a imagem do mundo se transformam em uma única experiência existencial contínua; não há corpo separado de seu domicílio no espaço e não há espaço sem relação com a imagem inconsciente do eu que percebe.” PALLASMAA, 2005, pg40.

Cada passo dado é mais uma etapa para uma reconstrução reflexiva sobre o lugar, reconstrução esta que estabelece elos entre o espaço e os significados que o indivíduo carrega a partir da sua experiência e conhecimento adquirido. Essas conexões acontecem cotidianamente em nossas mentes, conectando as informações apreendidas no espaço a memórias e informações que nosso cérebro armazena, em um fluxo contínuo de imagens logicamente interligadas, que se deslocam de maneira multisequencial, funcionando de forma hipertextual.

O termo hipertexto foi criado por Theodore Nelson na década de 1960 e é uma forma de linguagem com organização não linear, estruturada em rede, em que uma informação leva à outra, de forma ramificada, possibilitando leituras sequenciais e dinâmicas. Uma nota de rodapé pode ser considerada um simples exemplo de hipertexto, pois é uma informação linkada a outra que se encontra no corpo do texto. Da mesma forma funcionam as hipermídias, informações que estão no meio virtual, acessadas por dispositivos digitais como computadores ou smartphones e que, além de textos, podem incluir outras mídias de comunicação como sons e vídeos. Ao acessar um site, por exemplo, nos deparamos com possibilidades de navegação através de janelas virtuais, normalmente na forma de elementos destacados na tela, como gráficos ou ícones, que quando acionados nos encaminham para conteúdos, a partir de links que acionam outros conteúdos e assim sucessivamente, de forma não sequencial. O usuário é capaz de navegar na informação de forma não linear, podendo escolher o caminho a ser explorado, assim como ir e voltar na navegação, passando a ter uma participação mais ativa na leitura dos conteúdos da hipermídia.

A análise das ruas feita neste trabalho, a partir do conceito de espaço experienciado e percebido pelo corpo em movimento, busca explorar as formas como os sentidos do corpo do “leitor” compreendem os estímulos sensoriais que ambas as ruas proporcionam. Desta forma, surgiu a ideia da “hiper-rua”, que nada mais é do que uma forma de projetar, utilizando o meio de comunicação que a hipermídia torna possível hoje, onde o usuário pode acessar o conteúdo sobre as ruas, explorando diversos caminhos e construindo diferentes narrativas, acessando informações em uma dimensão temporal do espaço, em formato de textos, imagens, vídeos e sons, ampliando a compreensão da rua para diferentes esferas da percepção. A hiper-rua aborda as ruas Esteves Júnior e Álvaro de Carvalho como uma só, como um eixo espacial, cenário de um percurso importante na história da cidade e atualmente no meu cotidiano.

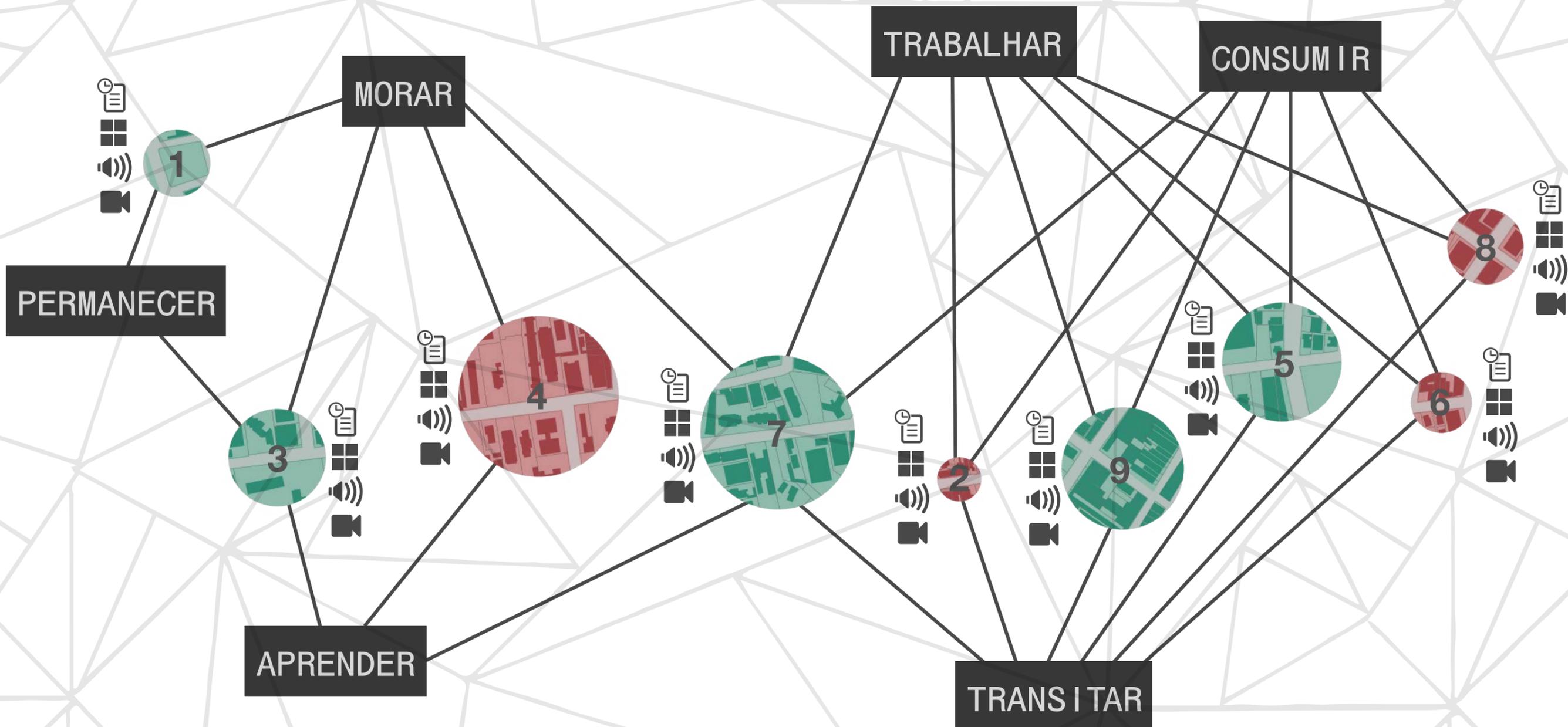
A hiper-rua opera de forma imaterial a partir do espaço virtual, com o suporte de um site onde o usuário acessa o lugar ou a página e, a partir de ícones, vai descobrindo sua nova experiência na rua. Ela se estruturará em uma sequência hierárquica de informações partindo de AÇÕES, que levam para os TRECHOS (9 capítulos da rua) e se ramificam em quatro EIXOS DE CONTEÚDO: memória, materialidades, sons e dinâmicas:



Os primeiros ícones são as “janelas virtuais”, que introduzem o usuário ao conteúdo da hipermídia. Aqui, elas são definidas a partir de algumas das principais ações que acontecem na rua e que dão o sentido de lugar a ela através do espaço vivenciado pelas pessoas: aprender, transitar, consumir, trabalhar, morar e permanecer. Vinculadas a essas AÇÕES estão os ícones dos nove capítulos da rua, que são os TRECHOS definidos a partir de minha própria experiência sensorial como usuária e que podem estar ligados a mais de uma ação, sementes do espaço relacional que é criado e re-criado a partir das experiências de navegação imaterial e deslocamentos presenciais. A partir desses capítulos, é possível acessar as informações sobre cada trecho escolhendo um dos quatro EIXOS DE CONTEÚDO: memória, materialidades, sons e dinâmicas. O objetivo é que o usuário navegue por essa hiper-rua, escolhendo seu próprio caminho de descoberta, onde as informações surgem através de um clique, despertando sensações e revelando ambiências da rua.

Nas páginas 96 e 97 está representada a hiper-rua com as AÇÕES e TRECHOS definidos e conectados de acordo com as relações entre os verbos específicos e em que trechos eles acontecem. Nas páginas 98 e 99 a ilustração representa o que serão as informações dos EIXOS DE CONTEÚDO: imagens de antigas construções de cada trecho e relatos históricos (MEMÓRIA); fotos de cores e texturas de elementos da rua existentes em cada trecho (MATERIALIDADES); representações dos SONS (que na hiper-rua são gravações de sons de cada trecho); e atores existentes (que na hiper-rua são vídeos ou time-lapses das DINÂMICAS de cada trecho).

HIPER-RUA: AÇÕES E TRECHOS



- MEMÓRIA
- SONS
- MATERIALIDADES
- DINÂMICA

HIPER-RUA: EIXOS DE CONTEÚDO



TÓTENS

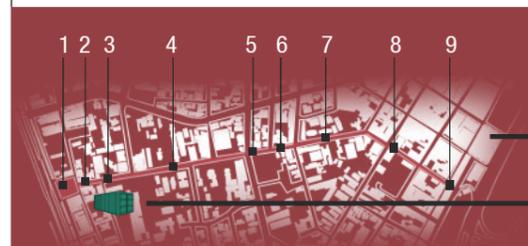
Em busca de trazer essa reflexão para os atores reais da rua, a proposta se estende para pontos informativos fixos na rua, funcionando como uma janela real de contato entre o transeunte e o trabalho. São nove tóten, um em cada um dos trechos da rua, onde constarão uma explicação do trabalho (IV); o texto referente ao capítulo da rua (I); um mapa com a localização dos outros tóten (II); a informação de onde se encontra o container (III); e um QR Code que encaminha o usuário ao site da hiper-rua (V), caso ele possua um celular em mãos. Um QR Code é um código de barras bidimensional que pode ser escaneado usando a maioria dos celulares com câmera e que acessa diretamente um site, uma localização ou outra informação midiática.

Ao lado, o painel informativo do tóten e abaixo exemplos de implantação do tóten na rua.

memória colorida

Entrar na Rua Esteves Júnior é como dar um passo atrás no tempo. Seu trecho inicial é patrimônio da cidade, com a sequência de casas geminadas coloridas e a rua de paralelepípedo mantida. Ainda hoje percebe-se os porões com aberturas e gradis de ferro, que surgiram no final do século XIX após um rebaixamento da rua. Além de terem servido como residências, esses casarões abrigaram também comércios e serviços vizinhos como a "Oficina Freitas", uma sapataria da família Carreira e um armazém, que passou a ser o "Bar do Gentil" no final da década de 1950. Uma edificação ao lado do Colégio Catarinense, hoje anexo ao prédio residencial ao fundo, foi onde funcionou

a primeira Faculdade de Filosofia e também a casa do Estudante Universitário. Nos dias de hoje, o comércio vicinal ainda prevalece nesse trecho, contando com padaria, farmácia de manipulação, academia, loja de uniformes escolares e lanchonetes. Esses estabelecimentos servem aos moradores locais e aos alunos dos colégios ali ao lado. As fachadas convidativas são palco de um cotidiano "entra-e-sai" de pessoas em busca de algo para comer, fazer exercícios físicos ou comprar algo para a casa. Sobretudo nos horários de entrada e saída dos alunos, caminhar por esse trecho é sentir calor humano, é relembrar momentos da nossa infância, é passear pelo passado e é cheirinho de pão recém-saído do forno.



O TRABALHO

A análise da rua feita neste trabalho, a partir do conceito de espaço experienciado e percebido pelo corpo em movimento, pode e deve ser expressa de forma que os sentidos do corpo do "leitor" compreendam os estímulos sensoriais que a rua proporciona. Desta forma, surgiu a ideia da "hiper-rua", que nada mais é do que uma hipermedia onde o usuário pode acessar o conteúdo sobre a rua, explorando diversos caminhos e acessando informações em formato de textos, imagens, vídeos e sons. A hiper-rua funcionará dentro de um site em que o usuário acessa a página e, a partir de ícones, vai descobrindo informações sobre a rua. Os primeiros ícones são as "janelas virtuais", que introduzem o usuário ao conteúdo da hipermedia. Elas são definidas a partir de

algumas das principais ações que acontecem na rua e que dão o sentido de lugar à ela através do espaço vivenciado pelas pessoas: aprender, transitar, consumir, trabalhar, morar e permanecer. Vinculadas a essas ações estão os ícones dos nove capítulos da rua, que são os trechos definidos a partir de minha experiência sensorial e que podem estar ligados a mais de uma ação.



Saiba mais aqui

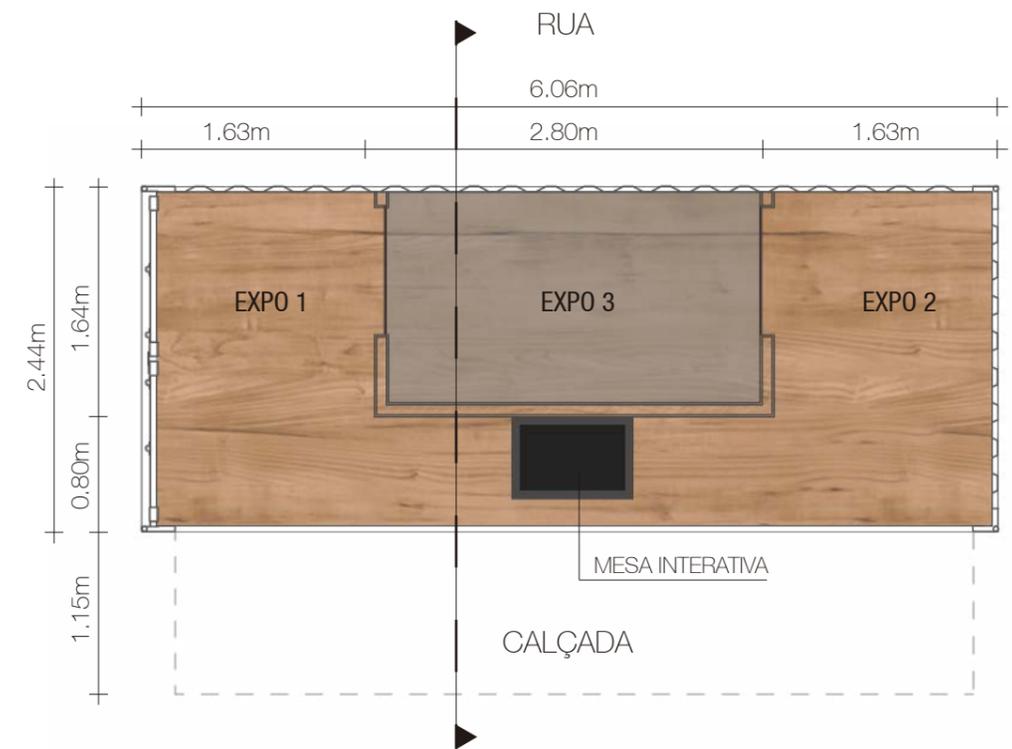


EXPOSIÇÃO

O trabalho explora as relações entre a cidade material e a cidade imaterial através da vivência presencial do lugar. Por isso a proposta alcança sua espacialização na rua, ancorando a reflexão e fazendo parte da vivência dela, a fim de colocar as pessoas em contato com as formas de representação e interpretações da autora. Ela se dá em formato de exposição, funcionando como um parklet em um container, tendo acesso direto pela calçada, tornando a exposição um elemento presente no passeio das pessoas. O container poderá se deslocar por vários pontos da rua e ancorar em mais de um capítulo (ambiências por trecho), possibilitando assim maior diversidade de visitantes e de experiências.

O container é muito utilizado nos portos para transporte e acondicionamento de carga e possui uma vida útil de, em média, 11 anos. A qualidade do material, sua modulação, resistência às intempéries e a possibilidade de ser transportado e instalado de modo temporal são razões que permitem novos usos, sobretudo na arquitetura, para aqueles que são descartados. O modelo escolhido para este trabalho foi o ISO 20' (pés), muito utilizado no porto de Itajaí. Suas dimensões são de 2,44m de largura, 6,06m de comprimento e 2,59m de altura, ocupando o equivalente a duas vagas de carro na rua. Uma de suas laterais maiores ficaria totalmente aberta para a calçada, com um portão camarão que abre para cima, funcionando como uma marquise. Para apoiar os quatro cantos do container no asfalto poderão ser utilizados blocos de concreto com altura necessária para que o piso interno fique rente ao meio-fio, possibilitando fluidez entre o espaço da exposição e a calçada. Para um melhor conforto térmico em seu interior, as superfícies externa e interna são pintadas de cor branca ou clara e seu revestimento interno de teto poderia receber estruturas em steel frame com isolante térmico e gesso acartonado. No centro no container uma cabine escura com dois acessos feita com painéis removíveis irá abrigar um dos temas da exposição.

Quem visita a exposição encontra ao centro uma parede com informações sobre o trabalho e uma mesa digital interativa com acesso direto à hiper-rua, composta por uma tela touchscreen e um fone de ouvido. Nas suas duas laterais estão as exposições: EXPO 1, "Materialidades da Rua", e EXPO 2, "Um ensaio Anacrônico", representando respectivamente os eixos da hiper-rua "materialidades" e "memória"; e dentro da cabine está a EXPO 3, "Corpo em Movimento", representando os eixos da hiper-rua "sons" e "dinâmica". Nas duas primeiras, as imagens são expostas em cabos de aço presos nas vigas de aço superiores e inferiores do container. Ao saírem da exposição espera-se que as pessoas se atentem para fenômenos da rua e sensações que ela provoca no corpo, evocando dentro de cada pessoa um significado diferente.

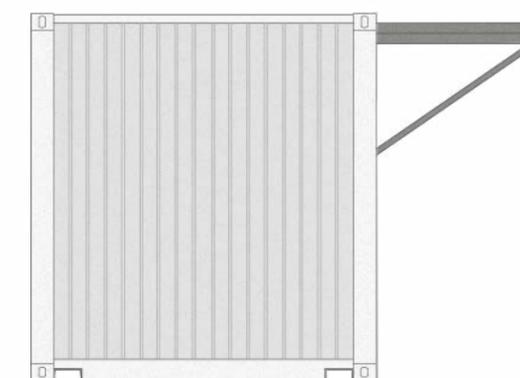


1 PLANTA BAIXA
1/50

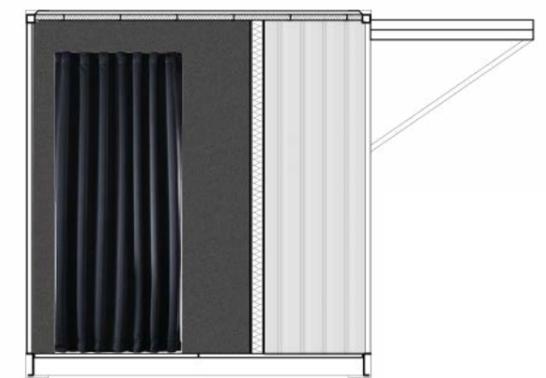
Exemplo de inserção do container na rua. Local na frente do muro do Colégio Catarinense.



2 VISTA FRONTAL
1/50



3 VISTA LATERAL
1/50



4 CORTE
1/50

EXPO 1

MATERIALIDADES DA RUA

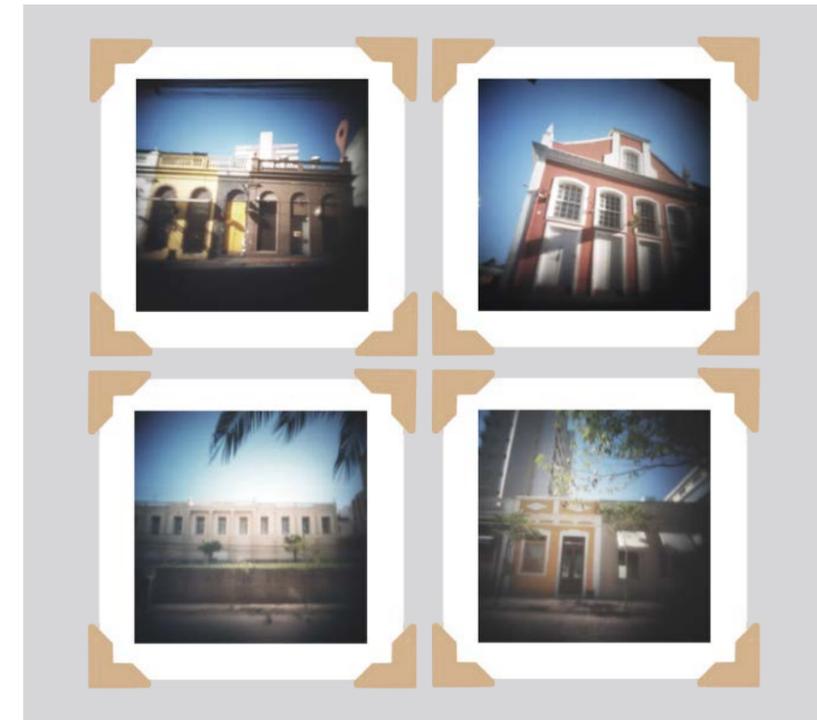
As cidades são cenários constituídos de muito concreto e asfalto, da cor cinza e de texturas muitas vezes pobres e repetitivas. Mas basta um olhar mais atento e podemos encontrar sinais de diversidade, vestígios da história e da intervenção humana no espaço, que comprovam a pluralidade de materiais e cores existentes na cidade e que carregam significados e memória. As diferentes vegetações, os tipos de calçamento e os materiais de cada fachada são exemplos dessa variedade; cores do passado se revelam no descascar das sobreposições de pinturas sobre as construções da rua; muros e postes são telas em constante mudança, recebendo imagens, grafites, cartazes e placas. Os dois painéis abaixo são uma compilação de fotos de texturas e cores existentes ao longo das duas ruas, divididas em cores frias e cores quentes.



EXPO 2

UM ENSAIO ANACRÔNICO

Este ensaio é feito a partir das reflexões feitas no TCC 1, descritas na página 50.



CORPO EM MOVIMENTO

"Toda experiência emocionante de arquitetura é multi-sensorial; as qualidades do espaço, da matéria e da escala são medidas igualmente pelo olho, orelha, nariz, pele, língua, esqueleto e músculo." PALLASMAA, 2005, pg 41.

A construção contínua da imagem da cidade se dá sobretudo através do corpo em movimento pelo espaço e das trocas entre o que o corpo percebe através dos sentidos e a memória e conhecimentos adquiridos de cada indivíduo. Esta instalação é uma maneira de colocar o visitante em contato com sons e movimentos de cada trecho da rua. Em uma das laterais do interior da cabine haverá sensores de presença que são acionados conforme a pessoa passa na frente deles. Na mesma parede, no alto, haverá projetores e mais abaixo, na altura do ouvido do visitante, caixas de som. Quando alguém se desloca na frente de um dos sensores, ele passa a informação para o arduíno, uma plataforma de hardware livre com linguagem de programação que faz a intermediação, que por sua vez aciona as caixas de som e os projetores. São 9 sensores, um para cada um dos capítulos da rua, que serão gradualmente acionados com o caminhar do visitante, liberando sons e vídeos de cada um dos trechos da rua.



REFLEXÕES FINAIS

O processo de produção deste trabalho revelou importantes questões a respeito das ruas em estudo. Quanto a sua história e seu papel na expansão urbana da cidade, elas foram palco de muitos eventos e acontecimentos relevantes e foram por onde figuras importantes para a história de Florianópolis passaram ou moraram. Apesar de já descaracterizadas, após um processo de verticalização e ocupação intenso, que continua nos dias de hoje, elas se exprimem, mesmo que timidamente, como ruas que contam uma história, que sugerem um caminhar e que convidam ao passeio. A diversidade de usos que aparecem atualmente nas duas ruas atribui um forte caráter de urbanidade a elas, percebido por quem passa por ali. São espaços de efervescência da cidade e de convergência da diferença, que propiciam o encontro e o acaso. Elas se expressam de formas distintas, despertando os diferentes sentidos do corpo e contribuindo para a riqueza de suas vivências.

Apreendi muito com as ruas, pois elas me permitiram compreender melhor o imaginário da cidade e reconstruir seus significados. A hiper-rua foi uma forma que encontrei de transmitir o que percebi e aprendi com elas, e que possibilita descobertas e navegações através das experiências nas ruas. A cidade imaterial é algo que faz parte de nosso cotidiano atualmente e estudar possibilidades dessa esfera virtual permite que compreendamos melhor a nossa sociedade e possibilite novas narrativas, interpretações e construções de nossas cidades.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Z. Vida Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CABRAL, O. R. Nossa Senhora do Desterro – volume 1. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CARBONARI, L. T. Reutilização de contêineres ISO na arquitetura: aspectos projetuais, construtivos e normativos do desempenho térmico em edificações no sul do Brasil. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2015.

DINIZ, L. A. G. Cibercultura, Hipertexto e Cibercidade. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2008.

GERLACH, G. Ilha de Santa Catarina – Florianópolis. Florianópolis: FCC, 2015. 2v.

JACOBS, J. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEMOS, A. Olhares sobre a cibercultura. André Lemos e Paulo Cunha. Porto (Org.). Porto Alegre: Sulina, 2003.

PACHECO, E. V. V. Florianópolis: Memória Urbana. 3. ed. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2010.

PALLASMAA, J. The Eyes of the Skin: Architecture and the senses. 2 ed. Academy Press, 2005.

POYARES, S. R. História da minha rua, Memória da rua Esteves Júnior. Florianópolis: Ed. do autor, 2005.

RAMOS, S. C. Os civis precisam voltar aos quarteis. Florianópolis: Editora da UFSC, 1986.

SANTOS, M. A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, A. N. Ruas de Florianópolis : resenha histórica. Florianópolis: FFCC, 1999.